



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE UNIVERSITÁRIOS: HISTÓRICO DE
VIOLÊNCIA COMO RISCO E RELIGIÃO COMO FATOR DE
PROTEÇÃO**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE UNIVERSITÁRIOS: HISTÓRICO DE
VIOLÊNCIA COMO RISCO E RELIGIÃO COMO FATOR DE
PROTEÇÃO**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade
Federal de São Carlos, como
parte dos requisitos necessários
para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P958ca

Priolo Filho, Sidnei Rinaldo.

Consumo de álcool entre universitários : histórico de
violência como risco e religião como fator de proteção /
Sidnei Rinaldo Priolo Filho. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
81 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2013.

1. Psicologia. 2. Álcool. 3. Estudantes universitários. 4.
Violência. I. Título.

CDD: 150 (20^a)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Sidnei Rinaldo Priolo Filho
São Carlos, 07/03/2013

Prof.ª Dr.ª Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof.ª Dr.ª Ana Regina Noto Faria
Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP

Prof.ª Dr.ª Maria de Jesus Dutra dos Reis
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 14h no dia 07/03/2012.

Comissão Julgadora:
Prof.ª Dr.ª Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams
Prof.ª Dr.ª Ana Regina Noto Faria
Prof.ª Dr.ª Maria de Jesus Dutra dos Reis

Homologada pela CPG-PPGpsi na
_____ª Reunião no dia ____/____/____

Prof.ª Dr.ª Deisy das Graças de Souza
Coordenadora do PPGpsi

*“..no peito e na raça, com garra e amor
escreve a tua história.”*

Hino do Esporte Clube Noroeste – Miguel Ângelo Ruiz

Para Marina.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	1
Resumo.....	3
Apresentação	5
O consumo de álcool por universitários e sua relação com a violência intrafamiliar: uma revisão da literatura	7
Histórico de violência como preditor do consumo de álcool entre universitários: fatores de risco e associações.....	26
A religião como fator de proteção ao consumo de álcool entre universitários brasileiros.....	52
Apêndice 1	
Questionário de Histórico de Vida e Consumo de Álcool	71
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	79
Parecer Comitê de Ética	80

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer a Marina por todo carinho, dedicação e, especialmente, paciência em todo o tempo em que estamos juntos!! Você é uma fonte constante de apoio e sem você ao meu lado jamais conseguiria realizar esse trabalho! Algumas pessoas tem a sorte de ter na mesma pessoa uma namorada e amiga, mas eu sou mais sortudo ainda, pois tenho você! Você me fez acreditar que conseguiria e esse trabalho também é seu!

Também não posso deixar de agradecer à pessoa que acredita em mim desde a graduação e tem me formado, além de psicólogo, uma pessoa crítica e sensível aos problemas da nossa sociedade. À Lúcia, o meu sincero agradecimento pela confiança na minha capacidade e no meu trabalho!

À minha mãe por despertar em mim a vontade de aprender, desde os tempos da Enciclopédia Trópico até os dias de hoje! Ao meu pai por me ensinar a ser noroestino e a ter foco na busca de meus objetivos!

Meu agradecimento à minha irmã, Caroline, por me ensinar a ler e por ser minha amiga mais antiga! Ao meu cunhado Lucas pelo apoio e pelo exemplo por ir atrás de seus sonhos! Ao meu sobrinho Nicolas, que eu consiga ser um bom tio e exemplo para o pequeno príncipe da família!

À Mônica, Marcelo e Malu por me ajudarem a levantar, figurada e literalmente, durante esse mais de 8 anos!

Tia Vi, Tio Django e Miguel por todo amor e apoio incondicional em todas as horas fáceis e difíceis! Por sempre estarem ao meu lado apontando caminhos e incentivando!

Ao Henrique pela amizade e apoio em todos os momentos e por ser o *brother* que sempre quis ter quando criança!!! Ao Guilherme por me ensinar a ser mais leve e ao mesmo tempo compromissado!!

Aos meus padrinhos de banco, Edson e Zezé, agradeço pela amizade, carinho e confiança durante todas as conquistas, pelos almoços, pelas horas extras e pela ajuda sempre fundamental! Ao Marcelo, Denise, Mozart e Edilma por terem se desdobrado para que eu conseguisse acompanhar as aulas e terminar meus estudos! A todos meus companheiros de banco que sempre me auxiliaram na busca de meus objetivos: Robinho, Débora, Cassiana, Elaine, Claudinho, Bia, Marina, Marcos, Zé Maria, Gérson, Dani, Chico, Cely, Fabiana e Mara.

Ao Vitão e Márcia pelas recuperações de física e matemática e pela amizade duradoura!

À Sabrina, Glauco, Angelina e Murilo pela companhia e risadas que sempre tornaram o trabalho e a vida mais leve!

Às colegas de Laprev: Ana Carina, Gabriela, Jéssica, Rachel, Nahara, Sabrina, Sheila, Paloma e Paolla por sermos uma equipe unida!

À Jesus e Ana pelo comprometimento com este trabalho e pelo exemplo de profissionais que são!

Aos meus amigos de república, Marco e Thiago, pela convivência, paciência, aplicação de questionários e suas maluquices!! Tem *spy* na base!!

Esse trabalho só foi possível por vocês, e a todos o meu sincero e feliz “Muito obrigado”!!

Priolo Filho, Sidnei Rinaldo. *Consumo de álcool entre universitários: Histórico de violência como risco e religião como fator de proteção*. São Carlos, 2013, pp. 81. Defesa (mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia.

RESUMO

O consumo de álcool entre universitários tem gerado preocupação de diversos setores da sociedade ao redor do mundo. Os fatores de risco associados a este consumo ainda não são claros e necessitam de maiores pesquisas. O objetivo deste trabalho foi verificar se um histórico de violência intrafamiliar está relacionado com um maior consumo de álcool durante os anos universitários. Adicionalmente, verificar se a religião possui alguma associação com o consumo entre este grupo. A revisão da literatura aponta que um histórico de violência estaria relacionado com um consumo maior, contudo poucas pesquisas analisaram a relação entre múltiplas vitimizações e o consumo de álcool futuro. As consequências durante a vida para crianças que sofreram diferentes formas de vitimização não foram estudadas a contento. A presente pesquisa busca preencher algumas dessas lacunas. Para tal, foram realizados dois pilotos do questionário aplicado baseado no instrumento AUDIT e 1452 participantes responderam as questões. Os dados obtidos para o consumo de álcool na vida foi de 93,51% para mulheres e 93,10% para homens, enquanto o consumo nos últimos 3 meses foi de 82,04% e 83,74% respectivamente. A forma de violência mais frequente foi a física (40,99%) e a segunda a exposição à violência conjugal dos pais (30,60%). Um modelo de regressão linear foi executado entre as formas de violência e a pontuação média do consumo de álcool e encontrada uma associação entre maior pontuação e histórico de violência. Essa associação foi verificada para todas as formas de violência, inclusive para casos de múltiplas vitimizações. Em relação à religião, os resultados mostram 30,16% dos universitários afirmando não possuir religião, taxa mais alta que a encontrada pelo Censo Demográfico nacional. Os participantes que não possuem religião apresentavam maiores chances de consumirem álcool e em *binge*. Possuir uma religião foi um fator de proteção para o consumo em *binge*, especialmente, para os participantes evangélicos.

Palavras-chave: álcool, universitários, histórico de violência.

Priolo Filho, Sidnei Rinaldo. Alcohol consumption among college students: history of violence as risk and religion as protective factor.. São Carlos, 2013, pp. 81. Defense (Masters). Post-Graduate Program in Psychology.

ABSTRACT

Alcohol consumption among College students has been a main concern among different sectors of society around the world. Risk factors associated to this behavior are not clear and more research is needed. The objective of this research is to verify if a history of intrafamilial violence is associated to higher alcohol consumption during College years. Furthermore, analyze if religion has an association with the consumption among this group as well. A review of the literature points out that history of violence is associated with higher alcohol consumption, however few researches were made analyzing polyvictimization and future alcohol consumption. The consequences for children that suffered different forms of victimization are not yet known in full extension. This research tries to fill some of those blanks, for that purpose it used the AUDIT questionnaire adapted with 1452 participants. In that sample alcohol consumption in life had a percent of 93.51% to woman and 93.10% to men. While, the consumption in the last 3 month was 82.04% and 83,74% respectively. The most frequent form of violence was physical (40.99%), the second was exposure to domestic violence (30.60%). A linear regression model was performed and was found an association between having a history of violence and a higher score in alcohol consumption. That association was verified to all forms of violence, including polyvictimization. About religion, results shown that 30.16% of the College students reported do not have a Religion, a higher percentage than that found by the National Census. Participants that do not have a religion present a higher chance to consume alcohol and binge drink. Having a religion may be a protection factor to binge drinking, especially, among evangelical participants.

Keywords: alcohol, college students, history of violence.

Apresentação

Esse trabalho está organizado sob a forma de coletânea composta por três artigos sobre a temática do consumo de álcool entre universitários. A importância de maiores estudos sobre esse tema se fez presente quando diversas consequências danosas foram noticiadas envolvendo jovens em acidentes, muitos dos quais fatais. Esse tema, apesar de não ser uma novidade, ainda necessita de maiores dados e estudos dos fatores de risco para esse comportamento de risco entre jovens. A pesquisa também forneceu uma oportunidade única de buscar compreender o amplo espectro da relação com diversas turmas diferentes possuem em relação a uma pesquisa sobre o álcool. Diversas reações puderam ser observadas pelo pesquisador quando da aplicação do questionário, desde interesse sobre a coleta de dados até participantes que questionaram se o objetivo era encerrar a venda de bebidas no campus. A experiência de coletar dados em campo sempre se mostra gratificante quando temos professores e alunos colaborando e participando ativamente da pesquisa.

O primeiro artigo deste trabalho apresenta uma revisão da literatura sobre a relação entre um histórico de violência intrafamiliar e o consumo de álcool nos anos universitários buscando aprimorar os dados atuais sobre o consumo de álcool entre universitários e sua relação com a violência intrafamiliar, com dados nacionais e internacionais sobre a temática. Adicionalmente, o artigo analisa o problema a luz dos conceitos e descobertas atuais sobre os efeitos do álcool e as formas de mensuração de consumo.

O segundo artigo apresenta os dados da pesquisa realizada neste trabalho em relação a esta mesma temática, com o objetivo de verificar se um histórico de violência intrafamiliar estaria relacionado com um maior consumo de álcool na vida adulta com a adição de análises sobre polivitimização. Para tal foi utilizada uma adaptação do instrumento da Organização Mundial de Saúde chamado AUDIT, que foram selecionadas através de dois pilotos do

questionário. As pontuações médias observadas para cada grupo foram analisadas e os resultados apontam que há uma relação entre um histórico de violência e polivitimização com uma maior pontuação de consumo de álcool no instrumento utilizado.

O terceiro artigo trata da religião com fator de proteção para o consumo de álcool entre os universitários brasileiros. Os dados obtidos da amostra apontam que os participantes que afirmaram possuir religião apresentam menores pontuações no consumo de álcool, bem como menor possibilidade de consumir em *binge*. Importante destacar que 30,16% da amostra afirmou não possuir religião, o que indica a necessidade de uma maior compreensão sobre as relações entre esse grupo e seu consumo de álcool na realidade brasileira. O segundo e o terceiro artigo apresentam dados da mesma amostragem, contudo com visões diferenciadas sobre o consumo de álcool, de forma a serem complementares ao tema. Dessa maneira, alguns aspectos são abordados com maior ênfase em um dos artigos para fins de análise.

Os artigos em sua totalidade buscam fornecer subsídios para maiores discussões sobre o consumo de álcool entre universitários, bem como o fato do histórico de violência estar relacionado com um maior consumo. Este trabalho busca contribuir para a construção de conhecimento sobre temas atuais e importantes de nossa sociedade: o consumo de álcool e a violência intrafamiliar.

**O CONSUMO DE ÁLCOOL POR UNIVERSITÁRIOS E SUA RELAÇÃO COM A
VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos

Versão preliminar do artigo a ser submetido
à revista Cadernos de Saúde Pública.

RESUMO

Histórico de violência intrafamiliar e consumo de álcool na vida adulta tem sido objeto de interesse do campo da saúde em diversas pesquisas e países. Especialmente, em relação ao público universitário tal interesse tem sido renovado, em especial em países que tem tido um aumento dessa população, como é o caso do Brasil. O objetivo desse artigo foi realizar uma revisão da literatura sobre o consumo de álcool entre universitários e suas relações com a violência intrafamiliar. Foram pesquisadas as bases de dados *Web of Science*, LILACs, PsycInfo e Scielo com as palavras chaves “alcohol”, “College”, “binge drinking”, “violence” entre os anos de 2008 e 2012. A violência física apresenta correlação com consumo abusivo de álcool na adolescência e vida adulta. A ocorrência de violência psicológica aumenta a probabilidade de abuso de álcool durante a fase adulta. Sobre a violência sexual foi observado um consumo três vezes maior entre homens universitários que sofreram abuso sexual do que entre as mulheres que sofreram esse tipo de abuso e adolescentes que foram forçadas a ter relações sexuais também consomem mais álcool. A exposição à violência conjugal dos pais tem sido relatada como o fator de risco que possui maior relação com o consumo abusivo entre universitários. A ocorrência de diversas formas de violência aumenta a probabilidade de consumo de álcool, com pesquisas indicando esta relação independente de gênero, raça, idade e consumo de álcool dos pais. Apesar das relações indicadas, há necessidade de maior conhecimento sobre universitários que consomem álcool e os fatores de risco para o consumo abusivo. Em especial o contexto da polivitimização merece destaque, visto que pouco sabemos sobre sua ocorrência em nosso país.

Palavras chave: consumo de álcool, universitários, revisão.

ABSTRACT

History of domestic violence and alcohol consumption in adulthood has been the subject of interest in the field of health on several researches and countries. Especially in relation to college students such interest has been renewed, especially in countries that have had an increase in this population, as is in Brazil. The aim of this article was to review the literature on alcohol consumption among college students and its relationship to intrafamilial violence. The databases Web of Science, LILACS, PsycInfo and Scielo were searched with the keywords "alcohol", "College", "binge drinking", "violence" between the years 2008 and 2012. Physical violence is correlated with alcohol abuse in adolescence and adulthood. The occurrence of psychological violence increases the likelihood of alcohol abuse in adulthood. On sexual violence was observed consumption three times higher among college men sexually abused than among women who have suffered such abuse and adolescents who were forced to have sex also consume more alcohol. Exposure to domestic violence has been reported as a risk factor that has association to do with binge drinking among college students. The occurrence of various forms of violence increases the likelihood of alcohol consumption, with research indicating this relationship regardless of gender, race, age and parental alcohol consumption. Although the relations indicated, more knowledge is necessary about college students who consume alcohol and the risk factors for abuse. Especially, in the context of polyvictimization, since little is known about their occurrence in our country.

Keywords: alcohol consumption, College students, review.

O consumo de álcool por universitários e sua relação com a violência intrafamiliar: uma revisão da literatura

Alcohol consumption by college students and the relation with interfamilial violence: a review of the literature

A relação entre o uso de álcool e comportamentos agressivos tem sido amplamente pesquisada na literatura internacional (Chamberland, Fallon, Black, Trocme, & Chabot, 2012, Heather et al., 2011, Renner e Whitney, 2012, Roberts, 2011, Stappenbeck. & Fromme, 2010, Vieira, Ribeiro, Romano & Laranjeira, 2007), especialmente pelo fato de o álcool ser a substância psicoativa mais consumida em todo o mundo (Jernigan, 2001, Organização Mundial de Saúde, 2001), dado também observado no Brasil (Vieira, Ribeiro, Romano & Laranjeira, 2007). Segundo Meloni e Laranjeira (2004), há poucas pesquisas sobre o assunto realizadas em nosso país, o que impede o seguro conhecimento sobre os impactos e as consequências do uso de álcool para os indivíduos e para a sociedade brasileira.

As pesquisas que objetivaram compreender a relação entre o histórico de violência intrafamiliar e o consumo de álcool, durante algum tempo, estiveram relacionadas a algumas populações específicas, como populações em abrigos ou encarceradas (Wechsler & Nelson, 2008). Entretanto, nos últimos anos, tem crescido o interesse sobre o consumo de álcool e os problemas decorrentes do mesmo entre os universitários (Wechsler & Nelson, 2008), pois uma grande parcela dos jovens tem realizado um consumo danoso, que além dos efeitos prejudiciais a saúde a longo prazo, tem sido causa de óbitos nessa população (Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom, 2009, Wechsler et al, 2002).

A maior pesquisa realizada entre a população de universitários brasileiros encontrou que, nas capitais, 86% dos estudantes fizeram uso de álcool ao menos uma vez na vida, sendo

que entre homens essa taxa chega a 90% (Secretaria Nacional Antidrogas, 2010). A maior frequência de consumo de álcool entre estes universitários encontra-se na faixa de idade dos 18 aos 24 anos de idade, com um padrão comportamental conhecido como “*binge drinking*”, que seria o consumo de cinco ou mais doses em um intervalo de duas horas (Wechsler et al, 2002, Courtney & Polich, 2009, Wechsler & Nelson, 2008). De acordo com dados da Secretaria Nacional Antidrogas (2010), 35,7% dos universitários amostrados haviam consumido em *binge* nos últimos 12 meses, e 25,3% no último mês. Nesta mesma amostragem, foram observadas diferenças no consumo entre os gêneros, sendo que o consumo de alto risco entre os universitários brasileiros apresentou-se em maior porcentagem entre os homens (4,6%) em comparação com as mulheres (1,1%), bem como uma porcentagem maior de homens (1,9%) do que mulheres (0,2%) foram classificados como bebedores pesados e frequentes (Secretaria Nacional Antidrogas, 2010).

Segundo Peuker, Fogaça e Bizarro (2006), a entrada na Universidade é um período crítico para o uso de álcool, devido às novas experiências que podem potencializar o uso dessas substâncias, como festas com bebidas disponíveis, modelagem pelos amigos, imitação e reforçamento dessas classes de comportamentos. Ainda de acordo com esses autores, a população universitária possui padrões próprios de consumo de álcool e seus fatores de risco são diferentes da população em geral.

Visto os dados expostos, é fundamental encontrar quais são os fatores de risco para o consumo de álcool entre os universitários, para que estratégias eficazes de prevenção e tratamento sejam realizadas. A violência intrafamiliar tem sido indicada como um fator de risco para o consumo de álcool nesta população. Contudo, maiores detalhes sobre as relações entre as diferentes formas de violência e o consumo não foram completamente esclarecidos. Assim, o objetivo deste artigo consiste em realizar uma revisão da literatura nacional e internacional sobre o consumo de álcool entre universitários e suas relações com a violência

intrafamiliar, potencial fator de risco, tendo em vista a população específica de estudantes universitários.

Método

Foram pesquisadas as bases de dados *Web of Science*, LILACs, PsycInfo e Scielo com as palavras chaves “alcohol”, “College”, “binge drinking”, “violence” entre os anos de 2008 e 2012. O total de artigos encontrados nestas bases de dados foi de 381, que após serem filtrados de acordo com o tema desse artigo, resultaram em 34 artigos. Esses artigos foram categorizados quanto à modalidade de violência analisada: violência física, psicológica, sexual, exposição à violência conjugal dos pais e polivitimização.

Violência Física

A violência física tem sido estimada como a forma mais comum de violência contra a criança (*U.S. Department of Health and Human Services, Administration on Children, Youth and Families, 2007*) e possui diversas relações com consumo de álcool na vida adulta. Quando observada separadamente de outras formas de violência contra a criança, é encontrada uma alta correlação entre histórico de violência física e consumo abusivo de álcool na adolescência e vida adulta em ambos os sexos, especialmente entre os 18 e 24 anos de idade (Lansford, Dodge, Pettit & Bates, 2010, Lown, Nayak, Korcha & Greenfield, 2011). Contudo, as pesquisas nessa área estão em sua maioria concentradas nos Estados Unidos, e alguns dados são controversos em relação à possibilidade de que um histórico de violência física aumente a probabilidade de consumo de álcool para ambos os sexos (Lansford, Dodge, Pettit & Bates, 2010).

Zanoti-Jeronymo et al (2009) apresentaram dados de uma amostra brasileira em que foi encontrada uma correlação entre ser vítima de violência física por parte dos pais e ao mesmo tempo estar exposto à violência conjugal dos pais. Dessa forma, o estudo da violência

física de forma isolada não seria válido para a população brasileira, tendo em vista que outras formas de violência concomitantes poderiam exercer influência em uma possível interação entre o histórico de violência física e o consumo de álcool. Ao isolarmos a violência física de outras formas de violência, teríamos um quadro incompleto sobre as consequências que essa pode trazer para a vida adulta.

Ao compararmos a relação entre a violência física e o consumo de álcool na vida adulta observamos que uma ampla parcela da população brasileira estaria em risco para um maior consumo de álcool com 44,1% dos participantes de uma amostragem nacional afirmando terem sido vítimas dessa forma de violência (Zanoti-Jeronymo et al, 2009). Um fator que pode colaborar neste aspecto é a aceitação que a violência física ainda possui em nossa sociedade. A Lei 7672/2010 que estabelece o direito de crianças e adolescentes de serem educados sem o uso de castigos corporais tem enfrentado resistência de diversos setores da sociedade, que desconsideram os fatores de risco associados à violência física, sendo contrários a essa legislação.

Violência Psicológica

Pesquisas sobre violência psicológica tem apontado a relação direta que essa forma de violência intrafamiliar tem com impactos emocionais danosos ao longo da vida (Chamberland, Fallon, Black, Trocme, & Chabot, 2012, Goldstein, Flett & Wekerle, 2010). A ocorrência de violência psicológica, na forma de abuso emocional ou negligência, foi apontada como fator de aumento da probabilidade de consumo abusivo de álcool na vida adulta em um estudo canadense que relacionava a incidência com a ocorrência de problemas emocionais ao longo da vida (Chamberland, Fallon, Black, Trocme, & Chabot, 2012).

Outros autores têm chamado atenção para o fato de a negligência, forma mais comum de violência psicológica contra a criança (*U.S. Department of Health and Human Services,*

Administration on Children, Youth and Families, 2007), ter sido omitida da maior parte das pesquisas (Goldstein, Flett & Wekerle, 2010), o que pode ter minimizado o impacto dessa forma de violência. Ou seja, a violência psicológica mais frequente não foi abordada na maioria na maioria das pesquisas. Com isso, temos que a ocorrência da violência psicológica tem sido subestimada ao longo dos anos, o que aponta a necessidade de estudos mais bem conduzidos sobre essa forma de maus-tratos. Em especial caso no Brasil devido a fatores culturais a violência psicológica inspira preocupação, pois essa forma de violência em muitos momentos sequer é vista como violência. Estudos com a população brasileira são fundamentais para que seja possível compreender as relações que essa violência possui com ajustamentos e condutas na vida adulta.

No estudo com universitários norte-americanos de Goldstein, Flett & Wekerle (2010), que contou com uma amostra de 218 estudantes de ambos os sexos, o uso de álcool foi descrito como estratégia de enfrentamento em relação à violência psicológica pelos participantes. Contudo, a generalidade desses resultados é questionável, devido ao tamanho amostral e ao fato de a amostra não ser randomizada. As consequências da violência psicológica têm sido descritos como mais duradouros para mulheres universitárias do que para os homens, especialmente em relação ao consumo abusivo de álcool (Wright & Castillo, 2009). Adicionalmente, conforme dados apresentados pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD) (2010) entre universitários brasileiros, tal violência se mostra como importante para buscar compreender o aumento do consumo de álcool das mulheres brasileiras ao longo do tempo.

Violência Sexual

Sobre a violência sexual, temos que as taxas são variáveis conforme a metodologia utilizada, a idade dos participantes e a forma de coleta dos dados entre universitários e jovens

adultos. A prevalência dessa forma de violência apresenta variações de 6% até 21% em pesquisas realizadas no México, Canadá e Estados Unidos com adolescentes e universitários (Caballero, Ramos, González & Saltijeral, 2010, Lehrer, Lehrer, Lehrer e Oyarzun, 2007, Schraufnagel, Davis, George & Norris, 2010).

Considerando os fatores de risco para o consumo de álcool, há um consumo três vezes maior entre homens universitários que sofreram abuso sexual do que entre as mulheres que sofreram esse tipo de abuso (Schraufnagel, Davis, George & Norris, 2010). Adolescentes que foram forçadas a ter relações sexuais também consomem mais álcool do que adolescentes que não foram abusadas e possuem uma maior chance de considerar suicídio como uma possibilidade (Le, Behken, Markham & Temple, 2011). Jovens que sofreram abuso sexual apresentam maiores chances de engajamento em situações de risco sexuais devido ao consumo de álcool, como ter maior número de relações sexuais sem uso de preservativo, relações sob efeito de álcool e outras substâncias e maior número de parceiros desconhecidos (Caballero, Ramos, González & Saltijeral, 2010, Schraufnagel, Davis, George & Norris, 2010). Dados semelhantes foram encontrados por Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom (2009), que estimam que, nos Estados Unidos, mais de cem mil universitários fazem sexo anualmente sem proteção, de forma forçada pelo parceiro após o consumo de álcool. Cerca de um quarto dos universitários que tiveram relações sexuais sob efeito de álcool disseram estar arrependidos do ato sexual no dia seguinte (Orchowski, Mastroleo e Borsari, 2012).

Integrando os dados de censos nacionais norte americanos e o consumo de álcool dos universitários, Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom (2009) encontraram que a violência sexual teve por volta de 97 mil vítimas em três anos de pesquisas somente entre as universitárias que consomem álcool nos Estados Unidos. Esse dado alarmante é um bom indicativo da necessidade urgente de maior conhecimento sobre a relação entre violência sexual e álcool, bem como sobre a criação de medidas protetivas para essas mulheres, a fim

de evitar que novos casos continuem a acontecer. No Brasil, não há dados sobre essa forma de violência entre universitários. Contudo, há grande possibilidade dos dados possuírem semelhança com outros países latinos que apresentam elevadas taxas de ocorrência de violência sexual, como México e Colômbia (Caballero, Ramos, González & Saltijeral, 2010, Moreno-Cubillos, Osorio-Gómez, Sepúlveda-Gallego, 2007).

Exposição à violência conjugal dos pais

A exposição à violência conjugal dos pais é definida como comportamento agressivo que ocorre, na maioria dos casos, contra a mulher adulta ou adolescente no contexto de um relacionamento heterossexual íntimo, não sendo necessário que a criança presencie o fato, podendo ser afetada através de sons, relatos de familiares, danos vistos pela residência ou sinais visíveis no corpo da vítima, por exemplo, hematomas ou marcas no corpo da vítima (Brancahorne, Fogo & Williams, 2004, Holden, 1998). A exposição à violência conjugal dos pais tem sido relatada como o fator de risco que possui maior relação com o consumo abusivo entre universitários, porém não há maiores dados sobre as características dessa exposição, ou seja, se ela precisa ser relacionada à exposição de violências física, ou se outras formas de violência a quais o indivíduo esteve exposto também estariam relacionadas (Gass et al, 2011, Jirapramukpitak, Harpham e Prince, 2011, Shen, 2009). A relação entre essa forma de violência e o consumo abusivo de álcool apresenta-se com maior intensidade em mulheres expostas à violência na infância do que para homens, e não estaria relacionada ao uso de drogas (Smith, Elwyn, Ireland e Thornberry, 2010, Sunday et al, 2011).

A exposição à violência conjugal dos pais também está relacionada ao início precoce do uso de álcool, o que, por sua vez, está relacionado com transtornos alcóolicos na vida adulta (Young, Hansen, Gibson e Ryan, 2006), ou seja, ele seria um comportamento encadeado para um maior consumo na vida adulta. Ser vítima de violência doméstica

juntamente com abuso de álcool por parte dos pais aumenta a probabilidade de que o indivíduo tenha escores acadêmicos menores (Wechsler et al, 2002), ou ainda adote comportamentos de risco, tais como dirigir sob efeito de álcool (Christoffersen, Soothill e Francis, 2008) e fazer sexo sem proteção (Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom, 2009).

Universitários que são mais agressivos com pessoas com as quais não tem um relacionamento amoroso possuem maiores problemas decorrentes do uso de álcool do que pessoas não agressivas (Cogan e Fennell, 2007), assim como universitários que apresentam comportamentos agressivos em diversos contextos (Lundeberg, Stith, Penn e Ward, 2004). Entretanto, ser universitário pode ser um fator protetivo para o consumo de álcool, pois segundo Abramsky et al (2011), esses indivíduos teriam maior grau de escolaridade, o que garantiria melhores condições financeiras no futuro e melhor tomada de decisões, diminuindo a probabilidade destes comportamentos agressivos. Outro fator protetivo em relação ao consumo de álcool por universitários é uma forte ligação com os pais, com a manutenção de um bom relacionamento durante os anos do curso superior, independentemente da distância em que o universitário esteja dos pais (Maas, Fleming, Herrenkohl e Catalano, 2010).

Polivitimização

Segundo Finkelhor, 2008, Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod (2011), o fato de experienciar múltiplas vitimizações de diferentes formas, como abuso sexual, violência física, e exposição à violência conjugal dos pais é denominado polivitimização, que enfatiza diferentes formas de vitimização ocorrendo, o que indica uma vulnerabilidade maior daquela criança. Portanto, a definição de polivitimização é ocorrência de ao menos duas formas diferentes de vitimização ao longo da vida de um indivíduo (Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, 2011, Dong et al, 2004, Finkelhor, 2008, Finkelhor, Ormrod e Turner, 2007).

Dong et al (2004) afirmam que a maior parte das pesquisas sobre histórico de violência com universitários foca somente em um tipo específico de violência, enquanto os dados apontam que, usualmente, há diversas formas de violência ocorrendo simultaneamente com um mesmo indivíduo. Essas diversas formas de violência ocorrendo simultaneamente, também chamada de polivitimização (Finkelhor, 2008), acontecem na maioria dos casos de violência contra a criança e, normalmente, são ignoradas pelas pesquisas (Dong et al, 2004, Finkelhor, Ormrod e Turner, 2007). Elliott et al (2009) ao pesquisar universitárias encontrou que a polivitimização possui um grande papel no ajustamento à vida acadêmica, mais do que qualquer outra categoria de maus-tratos, bem como foi a que apresentou a maior variabilidade nos escores. Gilbert et al (2009), afirma que a ocorrência de diversas formas de violência aumenta a probabilidade de consumo de álcool, sendo esse fator especialmente válido para as mulheres norte-americanas em qualquer idade. Outros autores, por sua vez, afirmam que a polivitimização aumenta a probabilidade de consumo abusivo independente de gênero, raça, idade e consumo de álcool dos pais (Shin, Edwards & Heeren, 2008, Hamburger, Leeb & Swahn, 2008, Nayak, Lown, Bond & Greenfield, 2011). Contudo, tais pesquisas acima focaram somente grupos populacionais dos Estados Unidos e não foram expandidas para outros países, o que impede a sua generalização. Adicionalmente, devemos considerar que os países em que as referidas pesquisas ocorreram (Estados Unidos e Canadá) possuem redes de proteção estabelecidas e outros mecanismos de proteção, o que pode ser um fator protetivo que diminua os efeitos da polivitimização ao longo do tempo. No caso do Brasil, em que a construção de rede de apoio ainda está sendo fortalecida e criada podemos encontrar um efeito ainda maior da polivitimização, tendo em vista que há poucas possibilidades de suporte para crianças vitimizadas.

Comentários Finais

Visualizamos diversas relações entre o consumo de álcool entre universitários e a violência, a saber: a violência física em conjunto com outras formas de violência aumenta a probabilidade de consumo de álcool em ambos os sexos, enquanto a violência psicológica e a polivitimização possuem maiores relações com o consumo de álcool entre as mulheres. O consumo entre essa população apresenta maiores fatores de risco pelo fato de a mulher estar mais suscetível aos efeitos do álcool, bem como a suas consequências negativas (Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom, 2009). A violência sexual, por sua vez, apresenta relação inversa – homens que sofreram essa violência apresentam maior consumo que as mulheres. Ser exposto à violência conjugal dos pais tem relação com o consumo precoce de álcool o que aponta uma maior probabilidade de problemas com o consumo durante a vida adulta.

Contudo, mesmo com a observação destas relações indicadas acima, temos a necessidade de buscar mais dados sobre o consumo de álcool, investigando também as relações entre universitários que consomem álcool e os fatores de risco para o consumo abusivo. Especial atenção deve ser dada ao contexto da polivitimização, sobre o qual pouco sabemos na realidade de nosso país. Além disso, devemos identificar os principais fatores de risco para o consumo abusivo, bem como para a dependência em universitários e, também, maiores dados sobre o contexto de uso de álcool e violência entre universitários brasileiros.

Referências

Abramsky, T., Watts, C. H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M. & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Biomed Central Public Health*, 11, 109-133.

- Brancalhone, P. G., Fogo, J. C. & Williams, L. C. A. (2004). Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, (2) 113-117.
- Brasil (2010). 7672 de 16 de julho de 2010. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos corporais ou de tratamento cruel ou degradante.
- Caballero, M. A., Ramos, L., González, C. & Saltijeral, M. T. (2010). Family violence and risk of substance use among Mexican adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 34, 576-584.
- Chamberland, C., Fallon, B., Black, T., Trocme, N., & Chabot, M. (2012). Correlates of Substantiated Emotional Maltreatment in the Second Canadian Incidence Study. *Journal of Family Violence*, 27(3), 201-213.
- Christoffersen, M. N., Soothill, K., & Francis, B. (2008). Risk factors for a first-time drink-driving conviction among young men: A birth cohort study of all men born in Denmark in 1966. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 34(4), 415-425.
- Cogan, R., & Fennell, T. (2007). Sexuality and the commission of physical violence to partners and non-partners by men and women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75(6), 960-967.
- Courtney, K. E. & Polich, J. (2009). Binge drinking in young adults: Data, definitions and determinants. *Psychological Bulletin*, 135, 142-156.
- Dong, M. X., Anda, R. F., Felitti, V. J., Dube, S. R., Williamson, D. F., Thompson, T. J., Giles, W. H. (2004). The interrelatedness of multiple forms of childhood abuse, neglect, and household dysfunction. *Child Abuse & Neglect*, 28(7), 771-784.

- Elliott, N., Alexander, A. A., Pierce, T. W., Aspelmeier, J. E. & Richmond, J. M. (2009). Childhood Victimization, Poly-Victimization, and Adjustment to College in Women. *Child Maltreatment*, 14(4), 330-343.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K. & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse and Neglect*, 31, 7-26.
- Finkelhor, D. (2008). *Childhood Victimization: Violence, Crime, and Abuse in the Lives of Young People*. Oxford University Press: USA.
- Finkelhor, D., Hamby, S.L., Ormrod, R.K. & Turner, H.A. (2009). Violence, abuse, & crime exposure in a national sample of children & youth. *Pediatrics* 124(5), 1-14.
- Gass, J. D., Stein, D. J., Williams, D. R., & Seedat, S. (2011). Gender differences in risk for intimate partner violence among South African adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(14), 2764-2789.
- Gilbert, R., Widom, C. S., Browne, K., Fergusson, D., Webb, E. & Janson, S. (2009). Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *The Lancet*, 8, 1-14.
- Goldstein, A. L., Flett, G. L. & Wekerle, C. (2010). Child maltreatment, alcohol use and drinking consequences among male and female college students: An examination of drinking motives as mediators. *Addictive Behaviors*, 35, 636-639.
- Heather, N., Partington, S. Partington, E., Longstaff, F., Allsop, S., Jankowski, M., Wareham, H. & Gibson, A. S. C. (2011). Alcohol use disorders and hazardous drinking among undergraduates at English universities. *Alcohol and Alcoholism*, 46 (3), 270-277.

- Hingson, R. W., Edwards, E. M., Heeren, T. & Rosenbloom, D. (2009). Age of Drinking Onset and Injuries, Motor Vehicle Crashes, and Physical Fights After Drinking and When Not Drinking. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 33(5), 783–790.
- Holden, G. W. (1998). Introduction: The development of research into another consequence of family violence. Em G. W. Holden, R. Geffner & E. N. Jouriles (Orgs.), *Children exposed to marital violence: Theory, research and applied issues* (pp. 1-18). Washington: American Psychological Association.
- Jernigan, D. H. (2001). *Global status report: alcohol and young people*. World Health Organization.
- Jirapramukpitak, T., Harpham, T., & Prince, M. (2011). Family violence and its adversity package: A community survey of family violence and adverse mental outcomes among young people. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 46(9), 825-831.
- Lansford, J. E., Dodge, K. A., Pettit, G. S. & Bates, J. E. (2010). Does Physical Abuse in Early Childhood Predict Substance Use in Adolescence and Early Adulthood? *Child Maltreatment*, 15(2), 190-194.
- Lehrer, J. A., Lehrer, V. L., Lehrer, E. L., & Oyarzun, P. B. (2007). Prevalence of and risk factors for sexual victimization in college women in Chile. *International Family Planning Perspectives*, 33(4), 168-175.
- Lehrer, J. A., Lehrer, E. L., & Oyarzun, P. B. (2009). Sexual violence in young men and women in Chile: Results from a 2005 survey of university students. *Revista Medica De Chile*, 137(5), 599-608.

- Lundeberg, K., Stith, S. M., Penn, C. E., & Ward, D. B. (2004). A comparison of nonviolent, psychologically violent, and physically violent male college daters. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(10), 1191-1200.
- Maas, C. D., Fleming, C. B., Herrenkohl, T. I., & Catalano, R. F. (2010). Childhood Predictors of Teen Dating Violence Victimization. *Violence and Victims*, 25(2), 131-149.
- Meloni, J. N. & Laranjeira, R. (2004). Custo social e de saúde do consumo do álcool. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(Suplemento II), 7-10.
- Moreno-Cubillos, C. L.; Osorio-Gómez, L. S. & Sepúlveda-Gallego, L. E. (2007). Violencia sexual contra las estudiantes de la Universidad de Caldas (Colombia): estudio de corte transversal. *Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología*, 58(2), 116-123.
- Orchowski, L. M., Mastroleo, N. R.; Borsari, B. (2012). Correlates of Alcohol-Related Regretted Sex Among College Students. *Psychology of Addictive Behaviors*, 26, 782-790.
- Peuker, A.C., Fogaça, J. & Bizarro, L. (2006). Expectativas e beber problemático entre universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 193-200.
- Renner, L. M., & Whitney, S. D. (2012). Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. *Child Abuse & Neglect*, 36(1), 40-52.
- Roberts, S. C. M. (2011). What can alcohol researchers learn from research about the relationship between macro-level gender equality and violence against women? *Alcohol and Alcoholism*, 46(2), 1-10.

- Schraufnagel, T. J., Davis, K. C., George, W.H., Norris J. (2010). Childhood sexual abuse in males and subsequent risky sexual behavior: A potential alcohol-use pathway. *Child Abuse & Neglect*, 34(5), 369-78.
- Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. (2010). *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*. Andrade, A. G., Duarte, P. C. A. V., Oliveira, L. G.(Orgs.). Brasília: SENAD.
- Shen, A. C. T. (2009). Long-term effects of interparental violence and child physical maltreatment experiences on PTSD and behavior problems: A national survey of Taiwanese college students. *Child Abuse & Neglect*, 33(3), 148-160.
- Smith, C. A., Elwyn, L. J., Ireland, T. O., & Thornberry, T. P. (2010). Impact of Adolescent Exposure to Intimate Partner Violence on Substance Use in Early Adulthood. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 71(2), 219-230.
- Stappenbeck, C. A. & Fromme, K. (2010). A longitudinal investigation of heavy drinking and physical dating violence in men and women. *Addictive Behaviors*, 35, 479-485.
- Sunday, S., Kline, M., Labruna, V., Pelcovitz, D., Salzinger, S., & Kaplan, S. (2011). The Role of adolescent physical abuse in adult intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(18), 3773-3789.
- U.S. Department of Health and Human Services, Administration on Children, Youth and Families. (2007). *Child Maltreatment*. Washington, DC: U.S. Government Printing Office.
- Vieira, D. L., Ribeiro, M., Romano, M. & Laranjeira, R. (2007). Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 396-403.

- Wechsler, H., Lee, J. E., Kuo, M., Seibring, M., Nelson, T. F. & Lee, H. (2002). Trends in College binge drinking during a period of increased prevention efforts findings from Harvard School of Public Health College Alcohol Study Surveys: 1993–2001. *Journal of American College Health*, 50(5), 203-217.
- Wechsler, H. & Nelson, T. F. (2008). What we have learned from the Harvard School of Public Health College Alcohol Study: Focusing attention on college student alcohol consumption and the environmental conditions that promote it. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 69(4), 481-490.
- Young, S. Y. N., Hansen, C. J., Gibson, R. L., & Ryan, M. A. K. (2006). Risky alcohol use, age at onset of drinking, and adverse childhood experiences in young men entering the US Marine Corps. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160(12), 1207-1214.
- Zanoti-Jeronymo, D. V., Zaleski, M., Pinsky, I., Caetano, R., Figlie, N. B. & Laranjeira, R. (2009). Prevalência de abuso físico na infância e exposição à violência parental em uma amostra brasileira. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(11), 2467-2479.

**HISTÓRICO DE VIOLÊNCIA COMO PREDITOR DO CONSUMO DE ÁLCOOL
ENTRE UNIVERSITÁRIOS: FATORES DE RISCO E ASSOCIAÇÕES**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos

Versão preliminar do artigo a ser submetido

à revista Child Abuse & Neglect.

RESUMO

O consumo de álcool entre universitários vem trazendo grandes preocupações nos últimos anos devido às consequências que possui. Há poucos dados relacionando histórico de violência e consumo futuro de álcool nesse grupo. Tampouco conhecemos os efeitos da polivitimização (experenciado múltiplas vitimizações ao longo da vida) para o consumo desses jovens adultos. O objetivo do presente artigo consiste em verificar se um histórico de violência intrafamiliar está relacionado ao consumo de álcool durante os anos universitários por estudantes brasileiros, especialmente se diferentes formas de vitimização (física, psicológica, sexual ou exposição à violência conjugal dos pais) ocorrendo ao longo da vida de um indivíduo, apresentam uma relação com maior consumo de álcool. Foi utilizado um instrumento em forma de questionário que passou por um processo de adaptação durante dois pilotos, utilizando questões do AUDIT e sobre o histórico de vida dos participantes. O questionário foi aplicado em salas de uma universidade brasileira, tendo um total de 1352 estudantes. O consumo de álcool na vida foi de 93,51% para mulheres e 93,10% para homens, sendo essas taxas para o consumo nos últimos 3 meses de 82,04% e 83,74% respectivamente. A violência física foi apontada como a mais frequente pelos participantes, com 40,99% afirmando ter sido vítima durante a sua vida, e 30,45% dos participantes afirmaram ter sido exposto à violência conjugal dos pais. Através de um modelo de regressão linear entre as formas de violência e a pontuação do consumo de álcool das questões do instrumento verificamos que todas as relações foram significativas. Assim como, ter sido polivitimizado durante a vida aumenta a probabilidade de maior pontuação de consumo de álcool. Esses dados apontam para a necessidade de se iniciar trabalhos de prevenção entre universitários brasileiros para uma redução do consumo danoso de álcool.

Palavras-chave: *consumo de álcool, universitários, histórico de violência intrafamiliar.*

ABSTRACT

Alcohol use among college students has brought major concern in recent years because of its consequences. There is little data linking violence history and future use of alcohol in this group. In addition, little is known about the effects of polyvictimization (experience multiple victimizations lifelong) for consumption of these young adults. The purpose of this article is to verify if a history of domestic violence is related to alcohol consumption during college years by Brazilian students, especially if different forms of victimization (physical, psychological, or sexual exposure to parents' marital violence) occurring over the life of an individual are linked to increased consumption of alcohol. We used a questionnaire instrument that has undergone a process of adaptation for two pilots, using the AUDIT and questions about the history of life of the participants. . The questionnaire was applied to a total of 1352 students. Alcohol consumption in life had a percentage of 93.51% to women and 93.10% to men. In the last 3 months those percentages were 82.04% and 83.74% respectively. Physical violence was the more frequent with 40.99% saying they suffered this form of violence, and the second was exposure to domestic violence with 30.45%. Through a linear regression was obtained that higher scores of alcohol consumption was associated with any form of violence in the history of the participants regardless of their frequency and severity, and points to the need to initiate prevention work among Brazilian university for a reduction of harmful alcohol consumption.

Keywords: alcohol consumption, college students, history of interfamilial violence

Histórico de violência como preditor do consumo de álcool entre universitários: fatores de risco e associações

History of violence as a predictor of alcohol use in University students: risk factor and associations

O consumo de álcool entre universitários vem despertando a atenção de pesquisadores ao redor do mundo nos últimos anos (Eaton et al, 2012, Nunes, Campolina, Vieira & Caldeira, 2012, SENAD, 2010, Stocka et al, 2009, Wechsler & Nelson, 2008), especialmente pelas consequências que esse comportamento apresenta, como lesões físicas, maior probabilidade de sofrer agressões sexuais, diminuição do rendimento acadêmico, entre outros problemas (Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom, 2009, Howland et al, 2010, Testa & Livingston, 2009). Há discussões sobre quais seriam maneiras efetivas de prevenção e combate a esse consumo, contudo não há dados suficientes em diversos contextos para que programas de prevenção eficazes sejam aplicados (Meloni & Laranjeira, 2004, Wechsler & Nelson, 2008).

Algumas variáveis que podem aumentar o consumo nesse grupo específico foram encontradas, como a expectativa dos efeitos do álcool pelos universitários, a disponibilidade de bebidas, o preço acessível e o reforço social que o grupo proporciona aos estudantes que consomem álcool (Norberg, Norton, Olivier & Zvolensky, 2010, O'Mara et al, 2009, Peuker, Fogaça & Bizarro, 2006, Wechsler & Nelson, 2008). Diversos autores apontam que há poucas pesquisas que buscam relacionar eventos ocorridos durante a história de vida dos universitários com o consumo atual, o que não permite o conhecimento total do fenômeno do consumo de álcool entre universitários (Eaton et al, 2012, Merline, Jager & Schulenberg, 2008, Peuker, Fogaça & Bizarro, 2006, Wechsler & Nelson, 2008).

Todas as formas de maus-tratos contra a criança, como violência física (Lansford, Dodge, Pettit & Bates, 2010), psicológica (Goldstein, Flett & Wekerle, 2010), sexual (Schraufnagel, Davis, George & Norris, 2010) e exposição à violência conjugal dos pais (Smith, Elwyn, Ireland e Thornberry, 2010), foram relacionadas ao maior consumo de álcool na universidade em pesquisas anteriores. Contudo, poucas pesquisas foram realizadas até o momento atual que busquem verificar a ocorrência de múltiplas vitimizações ao longo da vida de um indivíduo e sua relação com o consumo de álcool entre universitários.

Ter sofrido múltiplas vitimizações, como abuso sexual, violência física, violência psicológica exposição à violência conjugal dos pais é denominada polivitimização (Finkelhor, 2008, Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, 2011). Essa definição enfatiza diferentes formas de maus-tratos ocorrendo com uma mesma pessoa e não uma mesma forma de violência em diversos momentos. Isto se deve ao fato que diferentes formas de violência indicam uma vulnerabilidade maior daquela criança comparada à outra que sofre uma mesma forma de violência. Contudo, não há ainda uma definição sobre quantos eventos diferentes e qual a frequência dos mesmos classificariam um indivíduo como tendo sofrido polivitimização. Sendo a classificação mais utilizada a que determina polivitimização como a ocorrência de ao menos duas formas diferentes de vitimização ao longo da vida de um indivíduo (Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, 2011, Dong et al, 2004, Finkelhor, 2008, Finkelhor, Ormrod e Turner, 2007).

Segundo Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod (2011) e Dong et al (2004), há diversos fatores que implicam na importância dos estudos sobre a polivitimização na infância, especialmente pelo fato de que há indicativos que eventos aversivos cumulativos nesta fase do desenvolvimento possuem um maior número de consequências negativas ao longo da vida dos indivíduos. Uma característica fundamental da polivitimização é a grande quantidade de adversidades que essas crianças enfrentam ao longo de suas vidas comparadas com crianças

que não sofreram essa forma de violência, como maior número de doenças em geral e acidentes, maior porcentagem de desemprego, pais que abusam de substâncias e maior probabilidade de sofrerem de doenças mentais (Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, 2011). Essas diferenças também ocorrem ao compararmos crianças que sofreram uma única forma de violência em relação as que sofreram diversas formas de violência, o que indica, segundo os autores, que intervenções que focam em uma forma de violência específica devem também acessar dados relativos a outras formas de vitimização.

De acordo com Finkelhor, Ormrod & Turner, (2009), alguns pesquisadores tem acessado os dados de polivitimização em relatos sobre o histórico de vida, enquanto outros buscam os dados relativos ao último ano de vida. Mesmo com diferenças metodológicas alguns grupos demográficos norte americanos apresentam maiores taxas de ocorrência de polivitimização, sendo tal tipo de vitimização mais comum em meninos, crianças mais velhas, crianças de status socioeconômico médio e crianças em famílias monoparentais, ou que tem como cuidadores padrastos ou outros adultos (Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, 2011). É preciso ter em mente que, segundo os autores, quanto maior a idade pesquisada, maior será a chance de encontrar indivíduos que sofreram diversas formas de violência, pelo simples fato de terem maior idade e, portanto, possuem maior chance de terem sido expostas a eventos aversivos.

Ter sofrido polivitimização aumenta a probabilidade de consumo de álcool, em qualquer idade para mulheres norte-americanas, segundo Gilbert et al (2009). Outros autores estendem essa afirmação, apontando que a polivitimização aumenta a probabilidade de consumo abusivo independente de gênero, raça, idade e consumo de álcool dos pais (Hamburger, Leeb & Swahn, 2008, Nayak, Lown, Bond & Greenfield, 2011, Shin, Edwards & Heeren, 2008). Apesar desses dados, não se pode estender tais conclusões para outros

países, pois essas pesquisas focaram somente em grupos de universitários dos Estados Unidos, o que impede que esses achados sejam generalizados para outras populações.

Segundo Dong et al (2004) e Finkelhor, Ormrod e Turner (2007), a maior parte das pesquisas que relacionaram histórico de violência com consumo de álcool na vida adulta tiveram como objetivo a investigação específica de uma única forma de violência, sendo que, na maioria dos casos, múltiplas formas de violência ocorrem concomitantemente com o mesmo indivíduo. Crianças que sofrem diversas formas de violência em um curto período de tempo tem maior risco para consequências negativas a longo prazo quanto a seus aspectos físicos, mentais e emocionais (Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, 2011).

Visto o discorrido acima, o objetivo do presente artigo consiste em verificar se um histórico de violência intrafamiliar está relacionado ao consumo de álcool durante os anos universitários por estudantes brasileiros, especialmente se diferentes formas de vitimização (física, psicológica, sexual ou exposição à violência conjugal dos pais) ou ainda, se a polivitimização ocorrendo ao longo da vida de um indivíduo, apresentam uma relação com maior consumo de álcool.

Método

Participantes

A pesquisa teve um total de 1452 participantes, sendo 764 mulheres (52,61%) e 688 (47,39%) homens, todos estudantes de uma Universidade. Deste total, 76 questionários foram descartados por dados incompletos ou com respostas não compatíveis (por exemplo, o participante afirmava não consumir bebidas alcóolicas, porém afirmava que havia consumido cerveja e rum durante os últimos três meses). Dessa forma, o total de participantes efetivos foi de 1376, sendo 724 mulheres (52,62%) e 652 homens (47,38%).

A amostra foi randomizada por meio de um sorteio no qual foram definidas as turmas que participariam da pesquisa. Cada curso da Universidade e ano recebeu um código que seria sorteado. Dessa forma, Engenharia Civil teve os códigos EC1 a EC5, por ter cinco anos de duração o curso, o mesmo ocorrendo com todos os cursos da Universidade. A esses códigos foram atribuídos números de 001 a 171 que foram sorteados por aplicativo disponível em www.random.org. Do total de 171 turmas existentes na Universidade, 103 tiveram ao menos um participante amostrado, e todos os cursos tiveram ao menos uma classe amostrada. A amostra foi calculada considerando o total de 9881 estudantes da Universidade, conforme dados da Universidade Federal de São Carlos (2010) e o erro adotado foi de 2,5%.

Instrumento

Foi elaborado um instrumento sobre consumo de álcool e histórico de violência, sendo que as questões sobre o consumo de álcool baseadas em instrumento da Organização Mundial de Saúde, denominado AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test, 2001*). As perguntas sobre consumo danoso incluíam quantidade e frequência do consumo e o consumo em um dia típico. As questões referentes à dependência estavam relacionadas à incapacidade de realizar atividades esperadas devido ao consumo de álcool e à possível ocorrência de urgência ou forte desejo de consumir álcool. Sobre consumo perigoso foi questionado se o participante machucara a si ou a terceiros durante o consumo. Foi realizada uma somatória dos pontos dos participantes nas questões aplicadas, de acordo com o manual do instrumento. O consumo foi considerado em *binge* quando foram consumidas mais de cinco doses em um intervalo de duas horas para homens e quatro doses no mesmo intervalo para mulheres (Courtney & Polich, 2009, Wechsler et al, 2002).

As questões relacionadas à violência sexual foram criadas a partir dos dados de Brino & Williams (2003), enquanto as relacionadas à exposição à violência conjugal foram

elaboradas de acordo com Sinclair (1985). Questões referentes a maus-tratos infantis foram baseadas nos trabalhos de Finkelhor (2008) e Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod (2011).

Inicialmente, o questionário foi aplicado em um estudo piloto com 40 universitários da mesma universidade em que ocorreu a coleta de dados, e esses participantes avaliaram as questões de acordo com relevância, clareza e se as alternativas disponíveis contemplavam seus comportamentos. Foi realizada uma nova aplicação com 40 participantes, sendo vinte participantes do primeiro piloto e vinte novos participantes para que ocorresse uma avaliação das mudanças no questionário, bem como participantes que não haviam tido contato anteriormente avaliassem o instrumento. Novamente o questionário foi avaliado e sofreu as últimas modificações. O questionário final continha 40 questões, sendo oito sobre dados demográficos e do curso, 16 sobre consumo de álcool e essa mesma quantidade sobre o histórico de vida dos participantes. Para proteger o sigilo dos participantes os dados pessoais requisitados eram sexo, idade, o curso e ano, não necessitando qualquer outro dado pessoal que pudesse identificá-lo.

Coleta de dados

Para realizar a coleta o primeiro autor se dirigiu a uma das salas sorteadas, requisitou autorização ao professor e então forneceu instruções para os participantes sobre o preenchimento. Pediu-se que os participantes respondessem da maneira mais acurada que recordassem, e que não havia resposta certa ou errada, além de que a qualquer momento poderiam interromper a aplicação dos questionários, pois a participação era facultativa. Os termos de consentimento e os questionários eram distribuídos e os participantes iniciavam seu preenchimento. Em média, a duração de cada aplicação foi de 10 minutos e, após a devolução dos questionários e dos termos de consentimento, estes eram mantidos separadamente, para impossibilitar a identificação dos participantes. A coleta de dados durou 40 dias, em um período em que não ocorreram outros eventos, como semanas de férias, exames ou jogos

universitários que pudessem aumentar o diminuir o consumo dos participantes no período da coleta de dados, conforme recomendação de Wechsler & Nelson (2008).

Procedimentos éticos

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade (processo 460/2011). Todos os participantes assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, podendo desistir da pesquisa a qualquer momento.

Análise dos dados

Foi utilizada uma análise de variância (ANOVA) para verificar se havia uma diferença significativa entre médias de grupos diferentes e se os fatores exercem influência em alguma variável dependente. O teste de comparação múltipla utilizado foi o de Bonferroni.

Resultados

A Tabela 1 apresenta o consumo de álcool para os participantes durante a vida, nos últimos três meses, o consumo em binge na vida e nos últimos três meses.

Tabela 1 – *Porcentagem do consumo de álcool e em binge dos participantes de acordo com o sexo*

Modalidade de consumo	Feminino	Masculino
Consumo de álcool na vida	93,51%	93,10%
Consumo de álcool nos últimos três meses	82,04%	83,74%
Consumo em binge na vida	60,91%	71,01%
Consumo em binge nos últimos três meses	32,87%	44,48%

A Tabela 2 apresenta a porcentagem de participantes que foram vítimas de violência física, psicológica, sexual e exposição à violência conjugal dos pais. A somatória das porcentagens é superior a 100%, pois um mesmo participante pode ter sofrido mais de um tipo de violência ao longo de sua vida se enquadrando em mais de uma categoria. A violência

física apresentou a maior frequência com 40,99% dos participantes afirmando ter sido vítima durante a sua vida, e 30,45% dos participantes afirmaram ter sido expostos à violência conjugal dos pais. O consumo de álcool é baseado nas questões selecionadas do AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test, 2001) para a pesquisa, sendo a pontuação para cada questão executada de acordo com o manual do instrumento, sendo então realizada a somatória para cada participante e obtida a média para cada forma de vitimização, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – *Porcentagem de estudantes que sofreram diversos tipos de violência e pontuação média do consumo de álcool (Pontuação AUDIT).*

Forma de violência	Porcentagem de participantes	Consumo de álcool (Pontuação AUDIT)
Violência Física, Psicológica e exposição à violência conjugal dos pais	13,59	5,72
Violência Psicológica	34,74	5,70
Violência Psicológica e exposição à violência conjugal dos pais	19,62	5,68
Violência Física e Psicológica	23,55	5,62
Violência Física e exposição à violência conjugal dos pais	18,68	5,60
Exposição à violência conjugal dos pais	30,60	5,57
Violência Física	40,99	5,56
Sem exposição à violência	69,55	5,47
Sem histórico de maus-tratos	47,53	5,36
Sem nenhuma violência e sem exposição	41,86	5,34
Violência Psicológica, Sexual e exposição à violência conjugal dos pais	1,45	4,50
Violência Sexual e exposição à violência conjugal dos pais	1,53	4,30
Violência Sexual	2,54	4,20
Violência Psicológica e Sexual	1,89	4,08
Violência Física, Sexual e exposição à violência conjugal dos pais	1,09	3,60
Violência Física, Psicológica, Sexual e exposição à violência conjugal dos pais	1,09	3,60
Violência Física e Sexual	1,82	3,56
Violência Física, Psicológica e Sexual	1,45	3,35

A Tabela 3 apresenta as interações através de um modelo de regressão linear entre as formas de violência e a pontuação do consumo de álcool das questões referentes ao AUDIT constantes do instrumento. Podemos notar que todas as relações foram significativas. Não foi possível efetuar esse modelo com os dados relativos à violência sexual devido à baixa

frequência e quantidade de participantes que sofreram essa forma de violência. Dessa maneira, essa análise não foi realizada para esse grupo.

Tabela 3 - Resultados da análise de regressão linear para pontuação AUDIT.

	Estimativa	Erro Padrão	p
Exposição à violência conjugal dos pais	5,44	0,56	<0,0001*
Violência Física	5,62	0,39	<0,0001*
Violência Psicológica.	6,19	0,60	<0,0001*
Exposição à violência conjugal dos pais e Violência Física	-5,78	0,003	<0,0001*
Exposição à violência conjugal dos pais e Violência Psicológica	-6,03	0,99	<0,0001*
Violência Física e Violência Psicológica	-6,24	0,84	<0,0001*
Exposição à violência conjugal dos pais, Violência Física e Violência Psicológica	6,70	1,36	<0,0001*

* Valor menores que 0,05 são sinais de associação entre as variáveis.

Foi executado um modelo estatístico no qual foi obtida a acurácia do instrumento, isto é, quanto à estimativa do modelo está próxima do parâmetro real. Neste caso, a taxa de acertos do modelo estatístico para os participantes foi de 93,43%. Isto indica uma excelente acurácia do instrumento para indicar quando os participantes consumiram álcool. A sensibilidade do instrumento que é a porcentagem dos indivíduos que o modelo classificou corretamente entre os que consomem álcool foi de 100%. Isto é, todos os indivíduos que consomem álcool foram adequadamente classificados pelo modelo. Em relação aos participantes que não consumiam álcool a taxa acerto do modelo foi de 46,22%, apesar de baixa, compatível com outros

modelos realizados sobre o consumo de álcool, como o da Organização Mundial da Saúde (2001).

Discussão

A taxa de consumo de álcool na vida por universitários obtida neste estudo é superior a outros dados do Brasil (86,2%) e dos Estados Unidos (68%) (Rehm et al, 2009, SENAD, 2010, Wechsler & Nelson, 2008). Alguns fatores podem ter colaborado para essa taxa superior, como a aplicação do questionário ter sido feita por outro estudante, o que pode ter feito com que os participantes não visualizassem punições ao relatar seu consumo para alguém de sua mesma hierarquia. Pode-se concluir tal fato, pois o estudo realizado no Brasil pelo SENAD (2010) utilizou-se de entrevistadores treinados que não faziam parte da vida universitária, podendo surgir dúvidas quanto ao sigilo e uso dos dados pelos participantes. Combine-se a esse fato, o questionário garantir o sigilo das informações e o anonimato e pode-se supor que os alunos tiveram garantias de que suas respostas não teriam consequências punitivas, explicando as taxas superiores encontradas por este estudo.

O consumo na vida apresentou a mesma porcentagem para homens e mulheres, sendo que esse dado mostra uma tendência apresentada em outras pesquisas realizadas ao redor do mundo (Rehm et al, 2009, Wilsnack, Wilsnack, Kristjanson, Vogeltanz-Holm, & Gmel, 2009) e no Brasil (SENAD, 2010) nas quais o consumo feminino possui uma trajetória ascendente nos últimos anos, especialmente entre mulheres jovens. Ressalta-se a necessidade de criação, desenvolvimento e avaliação de políticas específicas para mulheres, tendo em vista que o consumo de álcool é ainda mais danoso para as mulheres, tanto na esfera social, por exemplo, com um maior risco para violência sexual entre mulheres que consomem álcool (Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom, 2009), como em relação a problemas de saúde decorrente do uso de álcool, aos quais as mulheres são mais suscetíveis (Schenck-Gustafsson, 2009, Schuckit, 2009).

Convém mencionar também que as taxas de consumo em *binge* encontradas também foram alarmantes, com 60,91% das mulheres já tendo consumido em *binge* na vida e 71,01% dos homens, enquanto nos últimos três meses as taxas foram de 32,87% e 44,48% respectivamente. Apesar de acrescentar o critério de consumo durante duas horas adotado por Courtney & Polich (2009) não houve uma diminuição da porcentagem de estudantes que consomem em *binge*. Outras pesquisas tem utilizado o conceito de *binge* como o consumo de cinco doses para homens e quatro para mulheres em um evento ou ocasião (Wechsler et al, 2002). Porém, as festas universitárias, usualmente, tem uma duração maior que duas horas, o que faria com que um consumo de cinco doses não atingisse uma concentração de álcool de 0,08 gramas por litro na maioria dos jovens em um período superior a duas horas (Courtney & Polich, 2009). Portanto, ao delimitarmos o período desse consumo se espera que as taxas encontradas no presente estudo do consumo em *binge* fossem menores que as de outros estudos brasileiros. Contudo, não foram observadas diferenças significativas, como podemos observar nos dados obtidos pela Secretaria Nacional Antidrogas (2010). Os dados dessa pesquisa apontam que 35,7% dos universitários haviam consumido em *binge* nos últimos 12 meses e 25,3% no último mês. Desta forma podemos indicar que o consumo em *binge* pode ter sido sub-relatado na amostra obtida pela Secretaria Nacional Antidrogas (2010), tendo em vista que apesar de delimitar o período do consumo a presente pesquisa apresentou resultados aproximados.

Importante destacar também o aumento dessa modalidade de consumo entre os anos do ensino médio e da universidade entre amostras brasileiras. Galduróz et al (2010) observaram que 8,9% dos estudantes de escolas públicas, entre 10 e 18 anos, haviam consumido em *binge* no mês anterior à aplicação do questionário. Essa taxa foi de 20,90% em pesquisa com mesma população realizada por Sanchez, Locatelli, Noto & Martins (2013). Entre universitários, de acordo com a Secretaria Nacional Antidrogas (2010), essa

porcentagem aumenta para 25,3% e na presente pesquisa 38,37% dos participantes consumiram em *binge* nos últimos três meses. Os resultados acima apontam a necessidade de programas de prevenção ao consumo de álcool também durante os anos escolares, como uma forma de prevenir o aumento do consumo em *binge* e suas consequências negativas entre os jovens.

É fundamental destacar que quase um terço das mulheres participantes havia consumido em *binge* durante os últimos três meses, sendo esse consumo o mais relacionado à possibilidade de sofrer alguma forma de violência sexual durante uma intoxicação (Testa & Livingston, 2009). Faz-se urgente a necessidade de ensinar medidas protetivas para as universitárias, afim de que estas consigam evitar que tal violência ocorra. Algumas maneiras para evitar essas vitimizações incluem comportamentos simples, tais como o acompanhamento por amigos de mulheres que apresentem intoxicação, localizar um serviço de saúde para atendimento e encaminhar a mulher para alguma residência com supervisão de uma pessoa que não esteja alcoolizada ou sob efeito de outra substância (Testa & Livingston, 2009).

Além disso, é necessário que programas preventivos sejam criados para que os universitários homens não venham a praticar essa violência. Bem como compreendam que essa é uma forma de violência, pois com a intoxicação não há o consentimento por parte da mulher para o ato sexual (Testa & Livingston, 2009).

A ocorrência da violência sexual na vida dos participantes presentes na amostra está abaixo dos dados encontrados em outras pesquisas com universitários e jovens adultos no México e Colômbia (Bebbington et al, 2011, Caballero, Ramos, González & Saltijeral, 2010, Pereda, Guilera, Forns, Gómez-Benito, 2009, Ross et al, 2010). Essas diferenças entre as frequências podem sofrer influência de acordo com a metodologia utilizada, sendo que o questionário utilizado possuía apenas três perguntas sobre o tema, de forma que a violência

sexual pode ter sido sub-identificada. Tal frequência baixa de ocorrência de violência sexual justifica as pontuações médias menores de consumo de álcool deste grupo. Dessa forma, se faz necessárias pesquisas que busquem compreender de forma efetiva como ocorre a relação entre o consumo de álcool entre universitários e um histórico de violência sexual.

Em relação à exposição à violência conjugal dos pais pode-se observar uma alta prevalência entre os participantes. Porém ao compararmos essa frequência com outras pesquisas, encontramos grandes variações, especialmente ao considerarmos países que possuem maior tolerância quanto à violência contra a mulher, em comparação com países que essa forma de violência não é aceita, como os Estados Unidos e o Canadá (Graham-Bermann, Perkins, 2010, Finkelhor, Turner, Ormrod, Hamby, 2009, Sinha, 2012). O instrumento não questionava qual dos pais praticava as agressões contra o parceiro, ou se elas ocorriam por parte de ambos pais. Assim, o instrumento não permite afirmar qual dos pais praticava a agressão, sendo tal dado importante para um panorama mais detalhado da violência íntima entre parceiros. Contudo, a realidade brasileira aponta que a mulher é a maior vítima da violência doméstica (Garcia-Moreno, Jansen, Ellsberg, Heise & Watts, 2006), sendo outro ponto em que se faz necessária a prevenção dessa forma de violência tanto para as mulheres quanto no ensino de comportamentos não agressivos para os homens.

A exposição à violência conjugal dos pais tem sido relacionada com maior probabilidade de o indivíduo se engajar em comportamentos agressivos na escola, conforme apontado por Pinheiro & Williams (2009). Crianças expostas à violência conjugal dos pais também apresentam um aumento na probabilidade de agressões verbais e físicas contra pares e professores durante os anos escolares, de forma que podemos imaginar que tais situações podem se replicar para os universitários (Cunningham & Baker, 2004).

Em relação a maus-tratos físicos praticados, a porcentagem de ocorrência na vida dos participantes encontrada é compatível com outras pesquisas realizadas nos Estados Unidos

(U.S. Department of Health and Human Services, Administration on Children, Youth and Families, 2007). Importante destacar como essa violência é prevalente em diversas sociedades, especialmente pelo fato de que diversas culturas não consideram a violência física uma forma de maus-tratos contra criança (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, Lozano, 2002).

Sobre a polivitimização, temos que as pesquisas, embora recentes, sugerem indícios de que em tais casos há uma maior probabilidade de comportamentos em conflito com a lei, uso de álcool e outras substâncias (Ford, Elhai, Connor & Frueh, 2010, Robboy & Anderson, 2011,). Dessa forma, os dados obtidos no presente estudo apontam que um histórico de polivitimização está associado a um maior consumo de álcool entre universitários brasileiros. Porém, ressalta-se que a presente pesquisa também mostrou que qualquer forma de violência esteve relacionada com um maior consumo de álcool entre os universitários participantes, complementando a afirmação de Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod (2011), em que a polivitimização traria maiores riscos para o indivíduo. O álcool apresenta uma relação diferenciada com o histórico de violência, tendo em vista que, segundo Finkelhor, Turner, Hamby & Ormrod, (2011), ao compararmos crianças que sofreram uma forma de violência às que sofreram diversas formas de violência, vemos que as primeiras terão menores chances de apresentarem doenças em geral, acidentes, desemprego, pais que abusam de substâncias e doenças mentais. Contudo, em relação ao consumo de álcool, qualquer forma de violência apresentou relação com um maior consumo, de forma que qualquer violência se torna um fator de risco para o consumo de álcool durante os anos universitários, podendo a polivitimização ter uma relação direta com outros subprodutos do consumo abusivo de álcool, possibilidade que não foi explorada nesta pesquisa.

O efeito do histórico de violência intrafamiliar no consumo de álcool foi independente de outros fatores, como sexo e renda, reafirmando dados de pesquisas internacionais a respeito do tema (Ford, Elhai, Connor & Frueh 2010, Hamburger, Leeb & Swahn, 2008,

Lansford, Dodge, Pettit & Bates, 2010, Lown, Nayak, Korcha & Greenfield, 2011, Nayak, Lown, Bond & Greenfield, 2011, Robboy & Anderson, 2011, Shin, Edwards & Heeren, 2008). Cabe destacar que a frequência e a severidade das diferentes formas de violência não alteraram a chance de o indivíduo consumir álcool ou consumir em *binge*, o que aponta na direção de que qualquer forma de violência é danosa.

Dessa forma, a Lei 7672/2010, conhecida no Brasil como “Lei da Palmada”, que estabelece o direito das crianças serem educadas e cuidadas sem o uso de castigos corporais por parte de seus cuidadores, apresenta-se como fundamental não somente por garantir direitos para a criança. Mas, também por evitar consequências negativas em suas vidas adultas que podem ser facilitadores para diversos riscos de saúde e sociais, como o consumo danoso do álcool.

Conclusões

O objetivo da pesquisa foi o de verificar se um histórico de violência intrafamiliar estaria relacionado a um maior consumo de álcool durante os anos universitários de estudantes universitários brasileiros. Constatou-se que o consumo de álcool por essa população é alto, com homens e mulheres consumindo igualmente. Ter um histórico de violência ou ter sido polivitimizado, independente de sua severidade e frequência, possui relação significativa com maior consumo de álcool dos universitários.

A pesquisa apresenta limitações quanto à generalidade dos dados, devido ao fato de seus participantes serem oriundos de uma universidade pública brasileira. Segundo Finkelhor, Turner, Ormrod & Hamby (2009) e Graham-Bermann & Perkins (2010), podem existir variações regionais quanto à ocorrência de violência contra a criança e contra a mulher, pois comunidades que toleram esses comportamentos ou os incentivam, usualmente apresentam maiores frequências desses eventos comparados a países que realizam prevenção.

Os dados da pesquisa apontam na direção de que há consequências danosas ao longo da vida de crianças que sofreram violência, como maior consumo de álcool, comparando aos indivíduos que não sofreram nenhuma forma de violência, bem como um maior consumo em *binge*. Tal fato nos aponta a necessidade de dirigir esforços na instalação de práticas culturais que favoreçam uma educação positiva e sem violência em relação à educação das crianças no país (Williams, Maldonado & Araújo, 2008). É fundamental também visualizar quais seriam fatores protetivos para o consumo de álcool, a fim de se estabelecer projetos preventivos para diminuir o consumo de álcool entre jovens e universitários brasileiros.

Referências

- Bebbington, P. E., Jonas, T., Brugha, H., Meltzer, R. Jenkins, C. Cooper, M. King & McManus, S. (2011). Child sexual abuse reported by an English national sample: characteristics and demography. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 46(3), 255-262.
- Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2003). Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 113-128.
- Caballero, M. A., Ramos, L., González, C. & Saltijeral, M. T. (2010). Family violence and risk of substance use among Mexican adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 34, 576-584.
- Courtney, K. E. & Polich, J. (2009). Binge drinking in young adults: Data, definitions and determinants. *Psychological Bulletin*, 135, 142-156.
- Cunningham, A., & Baker, L. (2004). *What about me! Seeking to understand a child's view of violence in the family*. London, ON: Centre for Children & Families in the Justice System

- Dong, M. X., Anda, R. F., Felitti, V. J., Dube, S. R., Williamson, D. F., Thompson, T. J., Giles, W. H. (2004). The interrelatedness of multiple forms of childhood abuse, neglect, and household dysfunction. *Child Abuse & Neglect*, 28(7), 771-784.
- Eaton, D.K., Kann, L., Kinchen, S., Shanklin, S., Flint, K.H., Hawkins, J., Harris, W.A., Lowry, R., McManus, T., Chyen, D., Whittle, L., Lim, C., Wechsler, H. (2012). Youth risk behavior surveillance - United States, 2011. *MMWR Surveillance Summaries*, 61(4), 1-162.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K. & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse and Neglect*, 31, 7-26.
- Finkelhor, D. (2008) *Childhood Victimization: Violence, Crime, and Abuse in the Lives of Young People*. Oxford University Press: USA.
- Finkelhor, D., Ormrod, R.K., Turner, H.A. & Holt, M.A. (2009). Pathways to poly-victimization. *Child Maltreatment* 14(4), 316–329.
- Finkelhor, D., Hamby, S.L., Ormrod, R.K. & Turner, H.A. (2009). Violence, abuse, & crime exposure in a national sample of children & youth. *Pediatrics* 124(5), 1-14.
- Finkelhor, D., Turner, H., Hamby, S. & Ormrod, R. (2011). Polyvictimization: Children's Exposure to Multiple Types of Violence, Crime, and Abuse. *Juvenile Justice Bulletin*, 10, 1-12.
- Ford, J. D., Elhai, J. D., Connor, D. F. & Frueh, B. C. (2010). Poly-Victimization and Risk of Posttraumatic, Depressive, and Substance Use Disorders and Involvement in Delinquency in a National Sample of Adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 46(6), 545-552.

- Galduróz, J. C. F., Sanchez, Z. M., Opaleye, E. S., Noto, A. R., Fonseca, A. M., Gomes, P. L. S., Carlini, E. A. (2010). Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. *Revista de Saúde Pública*, 44(2), 267-273.
- Garcia-Moreno, C., Jansen, H. A. F. M., Ellsberg, M., Heise, L. & Watts, C. H. (2006). Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *The Lancet*, 368, 1260-1269.
- Gilbert, R., Widom, C. S., Browne, K., Fergusson, D., Webb, E. & Janson, S. (2009). Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *The Lancet*, 8, 1-14.
- Goldstein, A. L., Flett, G. L. & Wekerle, C. (2010). Child maltreatment, alcohol use and drinking consequences among male and female college students: An examination of drinking motives as mediators. *Addictive Behaviors*, 35, 636-639.
- Graham-Bermann, S. A., Perkins, S. (2010). Effects of Early Exposure and Lifetime Exposure to Intimate Partner Violence (IPV) on Child Adjustment. *Violence and Victims*, 25(4), 427-439.
- Hingson, R. W., Edwards, E. M., Heeren, T. & Rosenbloom, D. (2009). Age of Drinking Onset and Injuries, Motor Vehicle Crashes, and Physical Fights After Drinking and When Not Drinking. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 33(5), 783-790.
- Howland, J., Rohsenow, D. J., Greece, J. A., Littlefield, C. A., Almeida, A., Heeren, T., Winter, M., Bliss, C. A., Hunt, S. & Hermos, J. (2010). The effects of binge drinking on college students' next-day academic test-taking performance and mood state. *Addiction*, 105(4), 655-665.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B. & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization, Geneva: Switzerland.

- Lansford, J. E., Dodge, K. A., Pettit, G. S. & Bates, J. E. (2010). Does Physical Abuse in Early Childhood Predict Substance Use in Adolescence and Early Adulthood? *Child Maltreatment*, 15(2), 190-194.
- Merline, A., Jager, J. & Schulenberg, J. E. (2008). Adolescent risk factors for adult alcohol use and abuse: stability and change of predictive value across early and middle adulthood. *Addiction - Special Issue: Destiny Matters: Childhood and Adolescent Prediction of Adult Alcohol Use and Abuse in Six Multi-decade Longitudinal Studies*, 103(1), 84-99.
- Norberg, M. M., Norton, A. R., Olivier, J. & Zvolensky, M. J. (2010). Social Anxiety, Reasons for Drinking, and College Students. *Behavior Therapy*, 41(4), 555-566.
- Nunes, J. M., Campolina, L. R., Vieira, M. A. & Caldeira, A. P. (2012). Consumo de bebidas alcoólicas e prática do binge drinking entre acadêmicos da área da saúde. *Revista de Psiquiatria clínica (São Paulo)*, 39(3), 94-99.
- O'Mara, R. J., Thombs, D. L., Wagenaar, A. C., Rossheim, M. E., Merves, M. L., Hou, W., Dodd, V. J., Pokorny, S. B., Weiler, R. M. and Goldberger, B. A. (2009), Alcohol Price and Intoxication in College Bars. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 33, 1973-1980.
- Pereda, N. Guilera, G., Forns, M., Gómez-Benito, J. (2009). The prevalence of child sexual abuse in community and student samples: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 29(4), 328-338.
- Peuker, A. C., Fogaça, J., & Bizarro, L. (2006). Expectativas e beber problemático entre universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 193-200.

- Pinheiro, F. M. F., & Williams, L. C. A. (2009). Violência intrafamiliar e envolvimento em bullying no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39, 995-1018.
- Rehm, J., Mathers, C., Popova, S. Thavorncharoensap, M., Teerawattananon, Y., Patra, J. (2009). Global burden of disease and injury and economic cost attributable to alcohol use and alcohol-use disorders. *The Lancet*, 373, 2223 - 2233.
- Robboy, J. & Anderson, K. G. (2011). Intergenerational Child Abuse and Coping. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(17), 3526-3541.
- Ross, L. T., Kolars, C. L. K., Krahn, D. D., Gomberg, E. S. L., Clark, G. & Niehaus, A. (2010). Nonconsensual sexual experiences and alcohol consumption among women entering college. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(3), 399-413.
- Sanchez, Z. M., Locatelli, D. P., Noto, A. R. & Martins, S. S. (2013). Binge drinking among Brazilian students: A gradient of association with socioeconomic status in five geoeconomic regions. *Drug and Alcohol Dependence*, 127, 87– 93.
- Schenck-Gustafsson, K. (2009). Risk factors for cardiovascular disease in women. *Maturitas*, 63(3), 186-190.
- Schuckit, M. A. (2009). Alcohol-use disorders. *The Lancet*, 373, 492-501.
- Schraufnagel, T. J., Davis, K. C., George, W.H., Norris J. (2010). Childhood sexual abuse in males and subsequent risky sexual behavior: A potential alcohol-use pathway. *Child Abuse & Neglect*, 34(5), 369-78.
- Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. (2010). *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*. Andrade, A. G., Duarte, P. C. A. V., Oliveira, L. G.(Orgs.). Brasília: SENAD.

- Sinclair, D. (1985). *Understanding wife assault: A training manual for counselors and advocates*. Toronto: Publications Ontario.
- Sinha, M. (2012). Family violence in Canada: A statistical profile, 2010. *Juristat*, 5, 1-107.
- Smith, C. A., Elwyn, L. J., Ireland, T. O., & Thornberry, T. P. (2010). Impact of Adolescent Exposure to Intimate Partner Violence on Substance Use in Early Adulthood. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 71(2), 219-230.
- Stocka, C., Mikolajczyk, R., Bloomfield, A.E., Maxwell, H., Ozebed, J., Petkeviciene, V. (2009). Alcohol consumption and attitudes towards banning alcohol sales on campus among European university students. *Public Health*, 123(2), 122–129.
- Testa, M. & Livingston, J. A. (2009). Alcohol Consumption and Women's Vulnerability to Sexual Victimization: Can Reducing Women's Drinking Prevent Rape? *Substance Use and Misuse*, 44(9), 1349-1376.
- Universidade Federal de São Carlos. (2010). *Relatório Annual de Atividades 2009*. Ministério da Educação, Brasília.
- U.S. Department of Health and Human Services, Administration on Children, Youth and Families. (2007). *Child Maltreatment*. Washington, DC: U.S. Government Printing Office.
- Wechsler, H., Lee, J. E., Kuo, M., Seibring, M., Nelson, T. F. & Lee, H. (2002). Trends in College binge drinking during a period of increased prevention efforts findings from Harvard School of Public Health College Alcohol Study Surveys: 1993–2001. *Journal of American College Health*, 50(5), 203-217.

- Wechsler, H. & Nelson, T. F. (2008). What we have learned from the Harvard School of Public Health College Alcohol Study: Focusing attention on college student alcohol consumption and the environmental conditions that promote it. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 69(4), 481-490.
- Williams, L.C.A., Maldonado, D.P.A., & Araújo, E.A.C. (2008). *Educação Positiva dos seus filhos: Projeto Parceria – Módulo 2. Cartilha*. Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Psicologia.
- Wilsnack, R. W., Wilsnack, S. C., Kristjanson, A. F., Vogeltanz-Holm, N. D. & Gmel. (2009). Gender and alcohol consumption: patterns from the multinational GENACIS project. *Addiction*, 104(9), 1487–1500.
- World Health Organization (2001). *The Alcohol Use Disorders Identification Test, Second Edition*. Babor, T. J., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B. & Monteiro, M. G. Geneva: Swiss.

**A RELIGIÃO COMO FATOR DE PROTEÇÃO AO CONSUMO DE ÁLCOOL
ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos

Versão preliminar do artigo a ser submetido
à revista Journal of Religion & Health

RESUMO

Diversas pesquisas têm buscado compreender as relações entre religião e consumo de álcool entre universitários. O Brasil possui características únicas em relação a religião, especialmente em relação ao grupo majoritário (católicos) apresentarem-se em bom número como não praticantes. Além disso, a forma de coleta dos dados baseia-se no formato proposto pelo IBGE, que apesar de utilizado nesta pesquisa apresenta generalizações, como no caso dos evangélicos que são categorizados todos dentro de um mesmo grupo, que dificultam análises posteriores. Essa pesquisa buscou verificar se há uma correlação entre religião e consumo de álcool entre universitários, e se há relação entre consumir de forma pesada e religião. Para tanto foram aplicados 1476 questionários de forma randomizada em alunos de uma universidade do interior de São Paulo. Os resultados apontam que um número grande de universitários não possuem religião, número maior do que apontado pelo Censo Demográfico realizado no país. Esses participantes que não possuem religião possuíam maiores chances de consumirem álcool, e também consumirem em binge. Possuir uma religião foi um fator de proteção para o consumo em binge, especialmente, para os participantes evangélicos. Os resultados indicam que os programas de intervenção com essa população compreendam aspectos relativos à religiosidade dos participantes, indicando comportamentos alternativos não baseados em religião. Pois, o grupo sem religião é o segundo mais frequente da amostra, contudo é o que apresenta o maior consumo de álcool.

Palavras chave: religião, consumo de álcool, fatores de risco, universitários.

ABSTRACT

Several studies have sought to understand the relationship between religion and alcohol consumption among college students. In Brazil, we have little data on the relationship between these factors, so, this research pursued to discover whether there is a correlation between religion and alcohol consumption among college students, and if there is a relationship between binge drinking and religion. There were applied 1476 questionnaires randomly to students at a university in the state of Sao Paulo. The results showed that a large number of college students have no religion, number higher than indicated by the Population Census conducted in the country. Those participants who have no religion had higher odds of drinking alcohol, and also in binge consuming. Belonging to a religion was a protective factor for binge drinking, especially in relation to Protestants. The results indicate that intervention programs with this population understand the religious aspects of the participants, indicating alternative behaviors not based on religion. Because the group without religion is the second most frequent sample, however is the one with the highest consumption of alcohol.

Keywords: Religion, alcohol consumption, risk factors, College students.

A religião como fator de proteção ao consumo de álcool entre universitários brasileiros

Religion as a protection factor to alcohol consumption among Brazilian College students

O consumo de álcool entre jovens causa constante preocupação na sociedade, especialmente do campo da saúde pública (e.g., Chamberland, Fallon, Black, Trocme, & Chabot, 2012, Nunes, Campolina, Vieira & Caldeira, 2012). Tal preocupação se torna maior durante o período universitário, pois há um ambiente reforçador para o consumo de álcool, bem como uma pressão social para que esse consumo seja alto (Peuker, Fogaça e Bizarro, 2006, Wechsler & Nelson, 2008).

A religião apresenta uma importante relação com o consumo de álcool entre universitários, daí a necessidade de analisar atentamente essa variável. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), na população brasileira entre 18 e 25 anos 63,87 % são católicos e 21,13 % são evangélicos, constituindo as duas maiores religiões brasileiras. O Censo Demográfico do IBGE (2010) também aponta que 10,51% dos jovens afirmaram não ter religião, 2,84 % estão contemplados em outras religiões e 1,65% são espíritas. Ou seja, 89,49% dos jovens entre 18 e 25 anos possuem uma religião. O IBGE denomina como evangélicos as religiões que seguem princípios protestantes, contudo estas apresentam diferenças entre si e a seus guias de conduta. Apesar das críticas em relação a essa forma de classificação, será utilizada a denominação do IBGE devido a sua abrangência e utilização nas pesquisas brasileiras.

Tanto as religiões católicas como evangélicas possuem visões próprias sobre o consumo de álcool. Entre os católicos há diversas versões sobre relatos da Bíblia acerca do consumo de álcool. Em algumas dessas versões, o consumo moderado de álcool é aceito; em

outras, qualquer forma de consumo é condenada. (Lima, 2006). Um dos grupos da religião católica prega uma renovação na forma de se conduzir o consumo de álcool baseado em passagens da Bíblia. Um exemplo retirado do livro dos Eclesiastes apresenta as seguintes afirmações "O vinho bebido sobriamente é como uma vida para os homens. Se o beberes moderadamente, serás sóbrio" (Eclesiastes, 31,32) e "O vinho, bebido moderadamente, é a alegria da alma e do coração" (Eclesiastes, 31,36). Segundo alguns religiosos, essa afirmação permite consumo de álcool de forma moderada, ou seja, um consumo social do álcool, sem que seja considerado um comportamento inadequado ou pecaminoso por parte do indivíduo (Dailey, 2009). Todavia, outros grupos católicos apontam que o consumo de álcool é proibido em qualquer dosagem. Diversos grupos têm questionado se qualquer consumo de álcool é pecaminoso, sendo que pesquisas realizadas com católicos ao redor do mundo apontam que um número maior de praticantes acreditam que consumir álcool de forma moderada não fere qualquer princípio religioso (Hammond, 2010).

No Brasil, entre algumas lideranças evangélicas em evidência, o consumo de álcool em qualquer quantidade é considerado um comportamento inadequado (Malafaia, 2012, Fernandes, 2012). Contudo, divisões entre os religiosos evangélicos apontam que o consumo moderado de álcool é aceito de forma crescente por estudiosos e religiosos nos últimos anos (Gentry, 2000). Entretanto, nenhuma das religiões aponta qual quantidade é classificada em consumo moderado e qual seria um consumo abusivo de álcool, tornando essa identificação a cargo do indivíduo que consome álcool. Dessa forma, as principais religiões brasileiras possuem diferenças internas quanto ao consumo de álcool, e não apontam quantidades e formas de consumo saudáveis para seus fiéis.

Os efeitos da religião sobre o consumo de álcool despertam diversas questões, sendo que Galduróz et al (2010), por exemplo, buscaram relacionar o fato de ser adepto de uma

religião ao uso pesado de álcool em uma amostra com mais de 48 mil adolescentes brasileiros. Os autores encontraram que ser adepto de uma religião diminuiu em 17% a chance dos participantes usarem álcool de forma abusiva em relação a seus pares. Em outra pesquisa, realizada com adolescentes da cidade de Campinas, porém, não foram encontradas diferenças em relação ao consumo de álcool entre aqueles que se declararam religiosos e àqueles que declararam não ter religião (Dalgarrondo, Soldera, Corrêa Filho & Silva, 2004). Em outra amostragem realizada com uma população de universitários brasileiros da cidade de São Paulo, verificou-se que o fato de o indivíduo se declarar pertencente a alguma religião influenciou o consumo de álcool, bem como ser praticante dessa religião. Contudo, tal consumo não foi mensurado, apenas era questionado se o universitário havia consumido ou não álcool, e não a quantidade que havia consumido (Silva, Malbergier, Stempluk & Andrade, 2006).

Segundo Burke, Olphen, Eliason, Howell, & Gonzalez (2012), há uma diferença entre possuir uma espiritualidade própria e praticar uma religião, essas seriam relações diferenciadas, pois ao praticar a religião o indivíduo teria acesso a consequências disponíveis somente no ambiente da religião. Segundo esses autores, universitários que possuem uma religião e a praticam consomem menos doses de álcool e em menos ocasiões do que aqueles que não praticavam uma religião ou mesmo não possuíam nenhuma. Esse dado é de importância para a realidade brasileira, tendo em vista que cerca de 40% dos católicos, o maior grupo religioso brasileiro, afirmaram não praticar a religião, quando indagados no Censo Demográfico do IBGE (2010), denominando-se católicos não praticantes.

Patock-Peckham, Hutchinson, Cheong & Nagoshi (1998), por sua vez, buscaram encontrar dados sobre a religião como fator de proteção para o consumo de álcool entre universitários do Arizona nos Estados Unidos. Esses autores concluíram que a religião seria um fator de proteção para o consumo de álcool entre universitários, mas não para problemas

relacionados ao consumo. Ou seja, possuir uma religião ou uma religiosidade não afetaria o consumo pesado de álcool, mas este consumo estaria relacionado com outros fatores, especialmente os sociais, como a aprovação dos colegas, por exemplo. Dessa forma, a religião não teria influência sobre o consumo de álcool entre universitários, mas variáveis sociais deveriam ser investigadas de acordo com estes achados.

Em uma metanálise realizada por Powell, Shahabi & Thoresen (2003) foi verificado que as pessoas religiosas lidam de maneira mais efetiva com adversidades em geral, especialmente as pessoas com piores condições financeiras, pois, segundo os autores, estas teriam menos acesso a outras ferramentas para enfrentar adversidades, sendo a religião a forma mais acessível. Dessa forma, é esperado que a religião seja mais presente nos grupos sociais de menor renda. Contudo, tal realidade não é percebida no Brasil, visto que as religiões apresentam proporções semelhantes nas mais diversas faixas sociais (IBGE, 2010). Segundo Miller & Thoresen (2003), a religião poderia também apresentar efeitos negativos no desenvolvimento das pessoas, porém não há até o momento dados empíricos sustentando tal hipótese. Tampouco, dados de pesquisa não podem gerar coerção para que as pessoas venham a aderir a uma religião nem tampouco oferecer discriminação religiosa baseada nestes dados (Sloan, Bagiella, VandeCreek, Hover & Casalone, 2000).

Dessa forma, temos a necessidade de compreender a demografia da religião entre os universitários brasileiros, bem como sua relação com o consumo de álcool. O objetivo da presente pesquisa é verificar se há uma associação entre religião e consumo de álcool e consumo pesado de álcool entre universitários.

Método

O total de participantes desta pesquisa foi de 1452 estudantes de uma universidade pública do interior de São Paulo, sendo 764 mulheres (52,61%) e 688 (47,39%) homens. Do

total, 76 questionários foram descartados por dados incompletos ou com respostas não compatíveis, por exemplo, o participante afirmava não consumir bebidas alcoólicas, porém afirmava que havia consumido cerveja e rum durante os últimos três meses. Realizada essa separação o total de participantes efetivos foi de 1376, sendo 724 mulheres (52,62%) e 652 homens (47,38%). A amostra foi randomizada através de um sorteio no qual foram definidas as turmas que participariam da pesquisa. De um total de 171 turmas existentes na Universidade, 103 foram amostradas, e todos os anos e cursos disponíveis tiveram ao menos uma classe amostrada. A amostra foi calculada considerando o total de 9881 estudantes da Universidade, conforme dados da Universidade Federal de São Carlos (2010) e o erro adotado foi de 2,5%.

Instrumento

A elaboração do questionário seguiu os mesmos passos citados por Priolo Filho (2013). No presente estudo, o participante assinalava a sua religião dentre as opções, utilizando-se o mesmo modelo aplicado pelo IBGE (2010), a fim de evitar discrepâncias na coleta dos dados. Para proteger o sigilo dos dados, o participante não necessitava preencher seu nome, apenas dados relativos ao curso e idade.

Coleta de dados

Para realizar a coleta, o pesquisador se dirigia a uma das salas sorteadas, requisitava autorização ao professor e então fornecia instruções para os participantes sobre o preenchimento. Os alunos presentes em sala eram comunicados que sua participação era voluntária e que a qualquer momento poderiam interromper a aplicação dos questionários. Os termos de consentimento e os questionários eram distribuídos e os participantes iniciavam seu preenchimento. Após a devolução dos questionários e dos termos de consentimento pelos participantes ao pesquisador esses eram arquivados em locais separados, para impossibilitar a

identificação dos participantes. Durante 40 dias de 2012 a coleta foi realizada, em um período em que não ocorreram feriados prolongados, provas ou jogos universitários que pudessem afetar o consumo dos participantes no período da coleta de dados (Wechsler & Nelson, 2008).

Procedimentos éticos

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade (processo 460/2011) e todos os participantes assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise dos dados

Foi utilizada uma análise de variância (ANOVA) para verificar se havia uma diferença significativa entre médias de grupos diferentes e se os fatores exercem influência em alguma variável dependente. O teste de comparação múltipla utilizado foi o de Bonferroni. O p-valor menor que 5% revela que o fator interfere no domínio em consideração.

Resultados

A Tabela 1 apresenta a distribuição das religiões na amostra, com 45,42% da amostra declarando-se católica e 30,16% declarou não possuir religião, como os maiores grupos da população. O grupo “Outras” refere-se a todas as religiões que não atingiram 1% de frequência na amostra, sendo todas essas religiões agrupadas nesta denominação. A Tabela 1 também apresenta a pontuação média do AUDIT, com a maior média entre os sem religião (6,66) e a menor para os evangélicos (3,41). Para confirmarmos as diferenças observadas nas comparações de médias, realizamos o teste ANOVA para cada um dos fatores e, quando observado significância, realizamos testes de comparações múltiplas de Bonferroni, apresentada na última linha da Tabela 1. Neste caso, podemos afirmar que a religião afeta a pontuação do AUDIT dos participantes, isto é, há diferenças significativas entre os participantes de acordo com a religião praticada.

Foi subsequentemente realizada uma regressão logística ordinal para o consumo em *binge* durante a vida dos participantes. Os indivíduos em cada amostra foram selecionados de forma aleatória, resultando em 1027 indivíduos na amostra treinamento e 343 indivíduos na amostra teste.

Foram comparados então, os indivíduos sem religião com os participantes religiosos comparando-os em relação à razão de chance de consumirem em *binge* nos últimos três meses. A Tabela 3 apresenta que indivíduos católicos, espíritas e de outras religiões apresentam chance menor de consumirem álcool em *binge* de forma mais frequente nos últimos três meses, do que indivíduos sem religião. As razões de chances obtidas por este modelo mostram que indivíduos evangélicos e de outras religiões apresentam a menor chance de consumo em *binge* comparados aos participantes sem religião. As chances são respectivamente 0,532 e 0,526 vezes menor, conforme apresentado na Tabela 1.

Em relação aos católicos, podemos considerar que o Censo Demográfico do IBGE (2010) apresenta que uma parcela desse grupo não pratica a religião, o que os diferencia das outras religiões que não apresentam tal diferença. Segundo Teixeira (2005), outra diferenciação é o fato de que o catolicismo brasileiro apresentar elementos de outras religiões e elementos de sincretismo religioso. Dessa forma, devemos considerar esses aspectos ao analisarmos os dados relativos aos católicos na amostragem, sendo que tais aspectos podem ter contribuído para um maior consumo desse grupo.

Outro elemento que deve ser destacado relaciona-se às características do grupo que não possui religião. Em especial, tal grupo pode ter características mais favoráveis ao *binge*, como uma ausência de possíveis punições pelo consumo excessivo (Teixeira, 2005).

Tabela 1 – *Frequência observada para religião*

Religião	N	%	Média de pontuação	Desvio Padrão	p	Odds Ratio
Católica	625	45,42	6,66	3,67	0,3508	0,855
Sem Religião	415	30,16	5,67	3,82	0,5837	1,167
Evangélica	128	9,30	5,22	3,56	0,0415*	0,532
Espírita	115	8,36	4,88	3,54	0,036*	0,526
Outras**	93	6,76	3,41	3,57	---	1,00

*Indicam valores menores que 0,05 demonstrando associação entre as variáveis.

** As religiões citadas em outras foram: Agnóstico, Budismo, Candomblé, Cristão, Daime, Espiritualista, Falun Dafa, Islamismo, Messiânica, Mórmon, Paganismo, Seicho-no-ie, Testemunha de Jeová e Umbanda.

A relação citada anteriormente sobre a prática ou não da religião também pode ter influenciado os resultados apresentados na Tabela 2 sobre o consumo em *binge* nos últimos 3 meses. Verificamos que evangélicos e praticantes de outras religiões possuem uma chance significativamente maior de terem consumido dessa maneira nos últimos três meses em comparação com o grupo sem religião, contudo tal diferença não foi observada para católicos e espíritas.

Tabela 2 - Resultados da análise de regressão logística ordinal com a comparação entre os participantes sem religião com os participantes que possuem religião em relação ao consumo em binge nos últimos três meses.

	P-Valor	Odds Ratio
Católico	0,3508	0,855
Espírita	0,5837	1,167
Evangélico	0,0415*	0,532
Outras	0,036*	0,526
Sem religião	---	1,00

* Valores menores que 0,05 indicam associação entre as variáveis.

A Tabela 3 apresenta comparações entre as religiões em relação à probabilidade de consumo em binge na vida. Os católicos apresentam 2,371 vezes mais chance de terem consumido em binge na vida em relação aos evangélicos, e espíritas tem 3,128 mais chance em relação aos evangélicos.

Tabela 3 – Odds Ratio para as comparações em relação às religiões e o consumo em binge.

Comparação	Odds Ratio	I.C. 95%	
Católico / Espírita	0,758	0,450	1,276
Católico / Evangélico	2,371	1,226	4,588
Católico / Outras	1,450	0,792	2,654
Espírita / Evangélico	3,128	1,428	6,848
Espírita / Outras	1,912	0,916	3,991
Evangélico / Outras	0,611	0,264	1,415

Discussão

Comparando-se a amostra obtida com os dados obtidos no Censo Demográfico do IBGE (2010) na mesma faixa etária, a presente pesquisa observou uma menor porcentagem de católicos (45,42% x 63,87%), e evangélicos (9,30% x 21,13%), que são as duas maiores religiões da população brasileira. Em relação aos espíritas, há uma maior porcentagem na amostra (8,36% x 1,65%), bem como os que estão contemplados em outras religiões (6,76% x 2,84%).

A maior diferença encontrada está relacionada aos participantes que afirmam não ter religião, sendo que a amostragem do IBGE (2010) aponta que 10,51% da população entre 18 e 25 anos não possuem religião e 30,16% dos participantes da presente amostra de estudantes universitários declararam não ter religião. Isso pode ser devido à hipótese de que uma maior escolaridade estaria ligada a menores percentuais de pessoas religiosas. Contudo, a escolha da religião, ao menos nessa faixa etária, entre os 15 e 25 anos de idade, segundo os dados do IBGE (2010), aponta que não há diferenças entre alfabetizadas e não alfabetizados. Dessa forma, podemos considerar como hipótese para as diferenças apresentadas o fato de que a amostragem do IBGE (2010) é respondida, geralmente, por um único membro da família, enquanto a presente pesquisa perguntava diretamente a cada indivíduo a sua religião. Dessa forma, outros controles sociais não estariam presentes como no caso da pesquisa do IBGE (2010), como a pressão dos pais por apresentar uma religião e a aceitação da resposta pelo aplicador do questionário, pois nesta pesquisa o preenchimento era anônimo, o que pode ter feito com que mais participantes afirmassem não possuir religião, sem medo de represálias.

Os dados obtidos demonstram a religião como fator de proteção, pois o consumo em binge apresenta-se de forma mais reduzida para os participantes que possuem uma religião, comparativamente aos dados obtidos por Galduróz et al (2010) com uma amostra com

adolescentes brasileiros. Podemos supor que a religião adquire um maior fator protetivo conforme a idade do indivíduo, tendo em vista que seu efeito protetivo aumenta entre a adolescência e os anos universitários (Stone, Becker, Huber & Catalano, 2012). Contudo, devemos considerar que o fato de não possuir uma religião pode ser um fator de risco para o consumo de álcool e em *binge*, mas a causalidade entre esses elementos não está clara.

Os dados da pesquisa corroboram os achados de Burke, Olphen, Eliason, Howell, & Gonzalez (2012), que apontou que entre universitários que possuem uma religião e a praticam consomem álcool em menor quantidade e frequência comparados àqueles que não praticavam nenhuma religião ou não possuíam alguma. Contudo, devemos considerar que, apesar de 40% dos católicos brasileiros afirmarem não praticar uma religião (IBGE, 2010), essa taxa pode ser menor entre os jovens, tendo em vista a grande parcela que afirmou não ter religião. Dessa forma, a análise realizada neste trabalho se aproxima mais da realidade, tendo em vista que os próprios universitários respondiam as questões relacionadas à sua religiosidade.

Entre adolescentes norte-americanos, Miller et al (2000) observaram uma associação entre participar e pertencer a grupos mais conservadores, como os protestantes, e apresentar menos dependência de álcool. Alguns grupos de evangélicos brasileiros apresentam regras restritas sobre o consumo de álcool, bem como sua proibição em eventos sociais e privados (Malafaia, 2012, Fernandes, 2012). Tal controle sobre o consumo pode ser uma razão para a menor quantidade consumida por esse grupo comparativamente em relação às outras religiões. Entretanto, segundo Gentry (2000), há uma aceitação cada vez maior por esse grupo do consumo moderado desta substância, de forma que o consumo desse grupo pode apresentar uma elevação nos próximos anos, sendo necessário um acompanhamento mais detalhado desse grupo específico.

Os resultados obtidos também apontam na direção de que o consumo em *binge* está relacionado com a religiosidade dos indivíduos, diferentemente do apontado por Patock-Peckham, Hutchinson, Cheong & Nagoshi (1998). Essa forma de consumo é a mais comum entre universitários (Wechsler & Nelson, 2008), sendo a que possui maiores riscos para esse grupo. Uma das limitações do estudo é que não é possível afirmar que esta é uma relação de causa e efeito entre essas duas variáveis. O estudo não avaliou o histórico da religião e sua prática, dessa forma não podemos afirmar que a religião é protetiva para o consumo de álcool, mas sim que apresenta uma relação com um consumo menor.

Contudo, achados científicos como este não determinam pressuposições de ordem filosófica ou orientações de valor, apenas indicam aspectos que diminuem a probabilidade de algum comportamento (Miller & Thoresen, 2003). Visão semelhante é compartilhada por Sloan, Bagiella, VandeCreek, Hover & Casalone (2000), que afirmam que dados científicos não devem ser utilizados para encorajar indivíduos a aderirem a uma religião ou ainda fornecer elementos para discriminação religiosa, apenas indicam elementos comportamentais das pessoas. Não se pretende afirmar que os universitários devam possuir uma religião, mas sim indicar que, aproximadamente, um terço dos universitários não é adepto de nenhuma religião e devem ter uma abordagem diferenciada em relação ao seu consumo. Apesar de as maiores religiões brasileiras aceitarem o consumo moderado do álcool (Gentry, 2000, Hammond, 2010, Lima, 2006), é fundamental que elas apontem qual seria uma quantidade adequada, de forma que os fiéis dessas religiões consigam identificar quando consomem em excesso, bem como as religiões poderiam fornecer alternativas a comportamentos danosos relacionados ao consumo do álcool.

A partir dos dados discutidos, observamos que ter uma religião é um fator protetivo para o consumo de álcool entre universitários brasileiros, e também possui relação

significativa com uma menor pontuação no AUDIT, além de consumo em *binge* menos frequente. Consequentemente, esse grupo apresenta menores riscos inerentes ao consumo de álcool, como mortes por acidente, violência sexual, acidentes de trânsito, entre outros (Hingson, Edwards, Heeren & Rosenbloom, 2009). Comparando as religiões, observamos que os católicos e espíritas têm maiores chances de consumir em *binge* frequentemente do que os evangélicos.

Essa pesquisa possui limitações em relação à generalização dos resultados obtidos, especialmente pela amostra ter sido obtida em uma universidade do interior do estado de São Paulo. Não é possível afirmar que todas essas relações estarão presentes em todo o país, porém alguns padrões de comportamentos religiosos apresentam-se constantes em várias regiões. A metodologia aplicada pode ter influenciado os participantes mais conservadores a terem diminuído seu consumo como uma forma de lidar com essa dissonância, pois o consumo de álcool para alguns grupos possui punições para os praticantes.

Enfim, essa pesquisa buscou apresentar relações entre a religião e consumo de álcool, bem como o consumo em *binge* entre universitários. Os dados apontam a necessidade de que futuros programas de prevenção compreendam os aspectos relativos ao consumo nos grupos sem religião, tendo em vista que este grupo é o que possui o maior consumo sendo o segundo em frequência na população. Contudo, não era objetivo da presente pesquisa propor programas de prevenção para uma diminuição da ingestão de álcool ou para propiciar um consumo saudável, o que certamente deveria ser proposto em estudos futuros.

Referências

Burke, A., Olphen, J. V., Eliason, M., Howell, R. & Gonzalez, A. (2012). Re-examining Religiosity as a Protective Factor: Comparing Alcohol Use by Self-Identified Religious, Spiritual, and Secular College Students. *Journal of Religion & Health*, June, 1-12.

- Chamberland, C., Fallon, B., Black, T., Trocme, N., & Chabot, M. (2012). Correlates of Substantiated Emotional Maltreatment in the Second Canadian Incidence Study. *Journal of Family Violence, 27*(3), 201-213.
- Courtney, K. E. & Polich, J. (2009). Binge drinking in young adults: Data, definitions and determinants. *Psychological Bulletin, 135*, 142-156.
- Dailey, S. P. (2009). The Lost Art of Catholic Drinking. *Crisis Magazine, 28*, 18-23.
- Dalgalarondo, P., Soldera, M. A., Corrêa Filho, H. R., & Silva, C. A. M. (2004). Religião e uso de drogas por adolescentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 26*(2), 82-90.
- Eclesiásticos. In: *Bíblia Sagrada: Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2012.
- Fernandes, D. (2012). O evangélico e o álcool. *Cristianismo Hoje, 28*, 10-15.
- Galduróz, J. C. F., Sanchez, Z. M., Opaleye, E. S., Noto, A. R., Fonseca, A. M., Gomes, P. L. S., & Carlini, E. A. (2010). Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. *Revista de Saúde Pública, 44*(2), 267-273.
- Gentry, K. L. (2000). *God Gave Wine: What the Bible says about alcohol*. Oakdown: Lincoln, California.
- Hammond, A. (2010). *Alcohol in the home: What should the Church Do?* Crossbooks Publishing: Bloomington, Indiana.
- Hingson, R. W., Edwards, E. M., Heeren, T. & Rosenbloom, D. (2009). Age of Drinking Onset and Injuries, Motor Vehicle Crashes, and Physical Fights After Drinking and When Not Drinking. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research, 33*(5), 783–790.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico Brasileiro: 2010*. República Federativa do Brasil: Brasília.

- Lima, A. (2006). Deus proíbe o consumo de bebidas alcóolicas? *Veritatis Splendor – Memória Cristã*. Disponível em <http://www.veritatis.com.br/apologetica/120-protestantismo/620-deus-proibe-o-consumo-de-bebidas-alcoolicas>.
- Malafaia, S. (2012). Evangélicos podem ingerir bebidas alcóolicas? *Verdade Gospel*. Disponível em <http://www.verdadegospel.com/evangelicos-podem-ingerir-bebidas-alcoolicas/>.
- Miller, L., Davies, M., Greenwald, S. (2000). Religiosity and substance use and abuse among adolescents in the national comorbidity survey. *Journal of American Academics of Child and Adolescent Psychiatry*, 39(9), 1190-7.
- Miller, W. R. & Thoresen, C. E. (2003). Spirituality, Religion and Health: An emerging research field. *American Psychologist*, 58(1), 24-35.
- Nunes, J. M., Campolina, L. R., Vieira, M. A. & Caldeira, A. P. (2012). Consumo de bebidas alcóolicas e prática do binge drinking entre acadêmicos da área da saúde. *Revista de Psiquiatria clínica (São Paulo)*, 39(3), 94-99.
- Patock-Peckham, J. A., Hutchinson, G. T., Cheong, J. & Nagoshi, C. T. (1998). Effect on religion and religiosity on alcohol use in a college student sample. *Drug and Alcohol Dependence*, 49(2), 81-88.
- Peuker, A. C., Fogaça, J., & Bizarro, L. (2006). Expectativas e beber problemático entre universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 193-200.
- Powell, L. H., Shahabi, L. & Thoresen, C. E. (2003). Religion and Spirituality: Linkages to Physical Health. *American Psychologist*, 58(1), 36-52.

- Priolo Filho, Sidnei Rinaldo. *Consumo de álcool entre universitários: Histórico de violência como risco e religião como fator de proteção*. São Carlos, 2013, pp. 98. Defesa (mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia.
- Silva, L. V. E. R., Malbergier, A., Stempliuk, V. A., & Andrade, A. G. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 280-288.
- Sloan, R., Bagiella, E., VandeCreek, L., Hover, M. & Casalone, C. (2000). Should physicians prescribe religious activities? *New England Journal of Medicine*, 342, 1913-1916.
- Stone, A. L., Becker, L. G., Huber, A. M., & Catalano, R. F. (2012). Review of risk and protective factors of substance use and problem use in emerging adulthood. *Addictive Behaviors*, 37(7), 747-775.
- Teixeira, F. (2005). Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, 67, 14-23.
- Wechsler, H., Lee, J. E., Kuo, M., Seibring, M., Nelson, T. F. & Lee, H. (2002). Trends in College binge drinking during a period of increased prevention efforts findings from Harvard School of Public Health College Alcohol Study Surveys: 1993–2001. *Journal of American College Health*, 50(5), 203-217.
- Wechsler, H. & Nelson, T. F. (2008). What we have learned from the Harvard School of Public Health College Alcohol Study: Focusing attention on college student alcohol consumption and the environmental conditions that promote it. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 69(4), 481-490.
- World Health Organization (2001). *The Alcohol Use Disorders Identification Test, Second Edition*. Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B. & Monteiro, M. G. Geneva: Swiss.

Questionário de Histórico de Vida e Consumo de Álcool

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Esse questionário possui 40 perguntas e não há resposta certa ou errada em cada questão. Pede-se apenas que você tente responder com as informações que recorda da maneira mais clara possível. A qualquer momento você pode interromper a aplicação do questionário, solicitando ao pesquisador que irá lhe atender prontamente. Caso você não se sinta confortável ao responder alguma das questões o questionário também pode ser interrompido. É facultativa a sua identificação no questionário.

Identificação: _____ Data do questionário: ____/____/____

1) Idade: _____

2) Sexo: ()M ()F

E-mail: _____ (opcional)

3) Estado civil: () solteiro(a) () casado(a) () viúvo(a)

() divorciado () união estável/morando com outra pessoa

4) Renda média familiar:

() 1 a 2 Salários Mínimos (até R\$ 1.090,00)

() 3 a 4 Salários Mínimos (até R\$ 2.180,00)

() 5 a 6 Salários Mínimos (até R\$ 3.270,00)

() Maior que 6 Salários Mínimos (acima de R\$ 3.271,00)

5) Qual a sua religião?

() Católica () Evangélica () Espírita () Espiritualista

() Umbanda () Candomblé () Judaísmo () Hinduísmo

() Islamismo () Budismo () Sem religião

() Outras Qual? _____

6) Você está na: Graduação Pós-graduação

7) Caso você esteja na graduação, em que ano está?

1º ano 2º ano 3º ano 4º ano 5º ano 6º ano 7º ano ou mais

Caso você esteja na pós-graduação, em qual grau e ano?

Mestrado ____ ano Doutorado ____ ano

Especialização/Residência ____ ano

8) Curso de graduação ou Departamento da Pós-Graduação: _____

9) Você já tomou bebidas alcoólicas?

Sim Não (passe à questão 21)

10) Com quantos anos bebeu pela primeira vez?

Menos de 10 10 11 12 13 14 15 16

17 18 19 20 21 anos ou mais não sei/ não recordo

11) Quais bebidas você bebeu nos últimos três meses?

Cerveja Cachaça Vinho Vodca Uísque Bebidas Ice

Nenhuma Outra Qual? _____

12) Durante os últimos três meses, com qual frequência você consumiu uma bebida alcoólica?

Nunca 1 ou 2 vezes Mensalmente

Semanalmente Diariamente ou quase diariamente

13) Nos últimos três meses com que frequência você teve um forte desejo ou urgência em consumir uma bebida alcóolica?

Nunca 1 ou 2 vezes Mensalmente

Semanalmente Diariamente ou quase diariamente

14) Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de álcool resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?

Nunca 1 ou 2 vezes Mensalmente

Semanalmente Diariamente ou quase diariamente

15) Durante os três últimos meses, com que frequência, por causa do seu uso de álcool você deixou de fazer coisas que eram normalmente esperadas por você?

Nunca 1 ou 2 vezes Mensalmente

Semanalmente Diariamente ou quase diariamente

16) Quantas doses você consome em um dia típico de uso?

Sendo 1 dose o equivalente a:

- 1 copo aperitivo (50 ml) de cachaça ou aguardente ou destilado (whisky, vodca, etc.)
- 1 lata de cerveja (350ml)
- 1 taça de vinho (150ml)

1 ou 2 3 ou 4 5 ou 6 7 a 9 10 ou mais

17) Um consumo pesado difere em relação ao gênero.

Se você for **homem**: cinco cervejas ou cinco taças de vinho ou cinco doses de destilado (cachaça/vodca/rum) em menos de duas horas.

Se você for **mulher**: quatro cervejas ou quatro taças de vinho ou quatro doses de destilado (cachaça/vodca/rum) em menos de duas horas.

Quantas vezes você consumiu pesado em sua vida?

Nunca (passe a questão 21) Menos que uma vez por ano

Menos que uma vez por mês Mensalmente

Semanalmente Diariamente ou quase diariamente

18) Quando foi a primeira vez que fez esse consumo?

Menos de 10 10 11 12 13 14
 15

16 17 18 19 20 21 anos
ou mais

19) Você consumiu mais do que cinco(homem)/quatro(mulher) doses em menos de duas horas nos últimos três meses?

Sim Não

20) Durante os efeitos desse consumo você teve algum problema de saúde (náuseas, vômitos, desmaios, etc), social (brigou com alguém, discutiu, etc), legal (multas de trânsito, foi assaltado, etc) ou financeiro (gastou mais dinheiro que previa com seu consumo, gastou dinheiro de outra pessoa, etc)?

Nunca 1 ou 2 vezes Mensalmente

Semanalmente Diariamente ou quase diariamente

21) Quais desses familiares seus fazem uso de álcool?

Pai Padrasto Mãe Avô Avó

Irmão Irmã Tio/Tia Primo/Prima

Outro Qual? _____

22) Com qual frequência seu cuidador/pai ou responsável direto fazia uso de álcool?

Mensalmente ou menos Duas a quatro vezes por mês

Duas a três vezes por semana Quatro ou mais vezes por semana

23) Quantas doses esse familiar consumia em um dia típico de uso?

1 ou 2 3 ou 4 5 ou 6 7 a 9 10 ou mais

24) Com que frequência ele(a) consumia mais do que seis doses?

Menos que uma vez por mês

Mensalmente

Semanalmente

Diariamente ou quase diariamente

Gostaria agora de perguntar a respeito de eventos que podem ter acontecido na sua vida antes do início do seu uso de álcool.

25) Algum membro da sua família já bateu em você alguma vez?

Sim Não(Passe a questão 29)

26) Esses episódios de agressão resultaram em:

nenhum cuidado de saúde

poucos cuidados com a saúde (curativos, remédios para dor, pomadas, etc.)

muitos cuidados médicos (suturas, hospitalização)

27) Qual era a frequência em que isso ocorria?

Diária 3 vezes por semana 1 vez por semana

Mensal Semestral Anual

28) Quem o agrediu de forma mais severa?

Pai Padrasto Mãe Avô

Avó Irmão Irmã Tio/Tia

Primo/Prima Outro Quem? _____

29) Você já bateu em algum membro da sua família? (Se não passe a questão 33)

Sim Não

30) Esses episódios de agressão resultaram em:

nenhum cuidado de saúde

poucos cuidados com a saúde (curativos, remédios para dor, pomadas, etc.)

muitos cuidados médicos (suturas, hospitalização)

31) Qual era a frequência em que isso ocorria?

Diária 3 vezes por semana 1 vez por semana

Mensal Semestral Anual

32) Você bateu em quem?

Pai Padrasto Mãe Avô

Avó Irmão Irmã Tio/Tia

Primo/Prima Outro Quem? _____

33) Você presenciou/testemunhou alguma forma de agressão entre seus cuidadores? Você pode marcar mais de uma opção! As agressões podem ter sido:

- Físicas: agressões, chutes, tapas, socos, etc.
- Psicológicas: xingamentos, ofensas, ameaças, humilhações, etc.
- Sexuais: estupro, toques indesejados, etc.

Se não passe a questão 36.

Agressões Físicas Agressões Psicológicas Agressões Sexuais

34) Qual era a frequência em que isso ocorria?

Diária 3 vezes por semana 1 vez por semana Mensal Semestral Anual

35) Como você tomou conhecimento desse acontecimento?

Presencialmente Ouvindo a briga Por familiares

Vendo hematomas Por amigos

Vendo sinais pela casa (móveis quebrados, por exemplo)

Outros _____

36) Você já sofreu algum tipo de violência sexual? (Se não passe a questão 39)

Sim Não

37) Quem praticou essa violência contra você?

- Pai Padrasto Mãe Avô
 Avó Irmão Irmã Tio/Tia
 Primo/Prima Outro Quem? _____

38) Qual o tipo de violência?

- Carícias contra a vontade Ato sexual por ameaça
 Solicitou favores sexuais Outros Quais? _____

39) Você era ofendido (xingamentos, ofensas, ameaças, etc.) por outro membro da família?

- Nunca Raramente De vez em quando
 Frequentemente Sempre

40) Usualmente, quem ofendia você?

- Mãe Pai Padrasto Madrasta
 Tio Tia Avô Avó
 Outros Quem? _____

Obrigado pela participação!!!

Caso queira deixar qualquer comentário ou informação para o pesquisador utilize as linhas abaixo: _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

- 1) Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Prevalência de violência intrafamiliar entre universitários e uso ou abuso de álcool" (1)
- 2) Você foi selecionado de forma aleatória e sua participação não é obrigatória.
- 3) Os objetivos deste estudo são verificar se há associação entre histórico de violência intrafamiliar e uso de álcool.
- 4) Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder ao questionário com as informações que recordar de sua história.
- 5) É possível que você sinta-se desconfortável ao responder alguma das questões, e caso isso ocorra e você queira interromper o questionário deverá somente solicitar ao pesquisador. Seus dados serão mantidos em sigilo pelo pesquisador, e você será identificado por um apelido a sua escolha.
- 6) Será fornecido suporte psicológico durante a aplicação do questionário para a diminuição do desconforto com relação ao tema.
- 7) Caso o suporte não seja suficiente, uma segunda sessão para o participante será marcada.
- 8) A pesquisa será acompanhada pela orientadora do pesquisador, para o direcionamento adequado dos procedimentos.
- 9) A qualquer momento o participante pode realizar questionamentos sobre a pesquisa, e o pesquisador se compromete a sanar todas as dúvidas.
- 10) O participante pode se recusar a participar da pesquisa sem qualquer ônus para si em qualquer esfera. A desistência pode ocorrer a qualquer momento que desejado.
 - a) "A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento."
 - b) "Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição."
- 11) Os dados não serão fornecidos a pessoas alheias a pesquisa e o participante jamais será identificado pelo seu nome.
 - a) "As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação."
 - b) "Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação."
- 12) O participante não irá receber qualquer benefício monetário pela participação ou terá qualquer ônus pela participação.
- 13) Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Sidnei Rinaldo Priolo Filho
Avenida Doutor Carlos Botelho, 2319 - Ap 902 - Centro - São Carlos/SP
Telefone (16) 8827-1208

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8028.
Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

São Carlos, ___/___/___



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR

cephumanos@power.ufscar.br

<http://www.propq.ufscar.br>

Parecer Nº. 460/2011

Título do projeto: Prevalência de violência intrafamiliar entre universitários e uso ou abuso de álcool.

Área de conhecimento: 7.00 - Ciências Humanas / 7.07 - Psicologia

Pesquisador Responsável: SIDNEI RINALDO PRIOLO FILHO

Orientador: LUCIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE WILLIAMS

CAAE: 0194.0.135.000-11

Processo número: 23112.003131/2011-79

Grupo: III

Análise da Folha de Rosto

A folha de rosto está preenchida e assinada adequadamente.

Descrição sucinta dos objetivos e justificativas

O estudo tem como objetivos avaliar, retrospectivamente, a relação entre histórico de violência intrafamiliar e consumo de álcool em estudantes universitários da cidade de São Carlos e identificar quais os atos de violência que estão relacionados de maneira significativa com o consumo.

O pesquisador apresenta a justificativa do estudo com base em uma extensa e atual revisão de literatura. Justifica o estudo com estudantes universitários brasileiros como sendo uma inovação nas pesquisas sobre a temática do uso e abuso de álcool, especificamente no que se refere a buscar associações com o histórico de violência dos participantes, o que poderá implicar em alterações na abordagem desse público.

Metodologia aplicada

Trata-se de um estudo transversal, escolhido por seu baixo custo e porque se apresenta adequado perante a possibilidade de apresentação do retrato do momento do grupo social pesquisado.

Identificação de riscos e benefícios

A pesquisa poderá auxiliar em programas futuros de prevenção, bem como a identificação de um fator de risco para jovens adultos dependentes de álcool. O pesquisador apresenta como risco a possibilidade de o questionário gerar respostas emocionais nos participantes. Caso as respostas emocionais sejam acentuadas o pesquisador se disporá para o atendimento de essas situações emergências e caso seja necessário realizará intervenções à crise com esses participantes e efetuará o seu encaminhamento ao sistema de saúde.

Forma de recrutamento

Qualquer participante, aluno da Universidade selecionada, será considerado habilitado a responder o questionário e serão recrutados durante as aulas do primeiro semestre de 2012.

Cronograma

Adequado

Orçamento financeiro detalhado

A pesquisa será realizada na instituição que irá fornecer os locais para a coleta de dados, isto é nos diversos prédios de salas de aula. O estudo não terá patrocinador nem haverá remuneração para o pesquisador.

Adequação do TCLE

Adequado.

Identificação dos currículos dos participantes da pesquisa

O currículo do pesquisador Sidnei Rinaldo Priolo Filho deverá ser atualizado, pois a última atualização foi em 2010, quando o mesmo ainda era aluno da graduação.

O currículo da orientadora indica capacidade para o desenvolvimento da pesquisa.

Conclusão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162389 - SCUF - BR

cephumanos@power.ufscar.br

<http://www.propq.ufscar.br>

O projeto é de importância científica no que se refere ao estudo das associações entre violência e o uso e abuso de álcool nos estudantes universitários. Prevê inovação e contribuições relevantes para os estudos da temática no país. Os pesquisadores atenderam as exigências pertinentes nos termos da Resolução 196/96 e as suas complementares. O projeto atende a Resolução 196/96. **Aprovado.**

Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE– apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE– apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.x), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente dentro de 1 (um) ano a partir desta data e ao término do estudo.

São Carlos, 21 de dezembro de 2011.


Prof. Dr. Daniel Vendruscolo
Coordenador do CEP/UFSCar